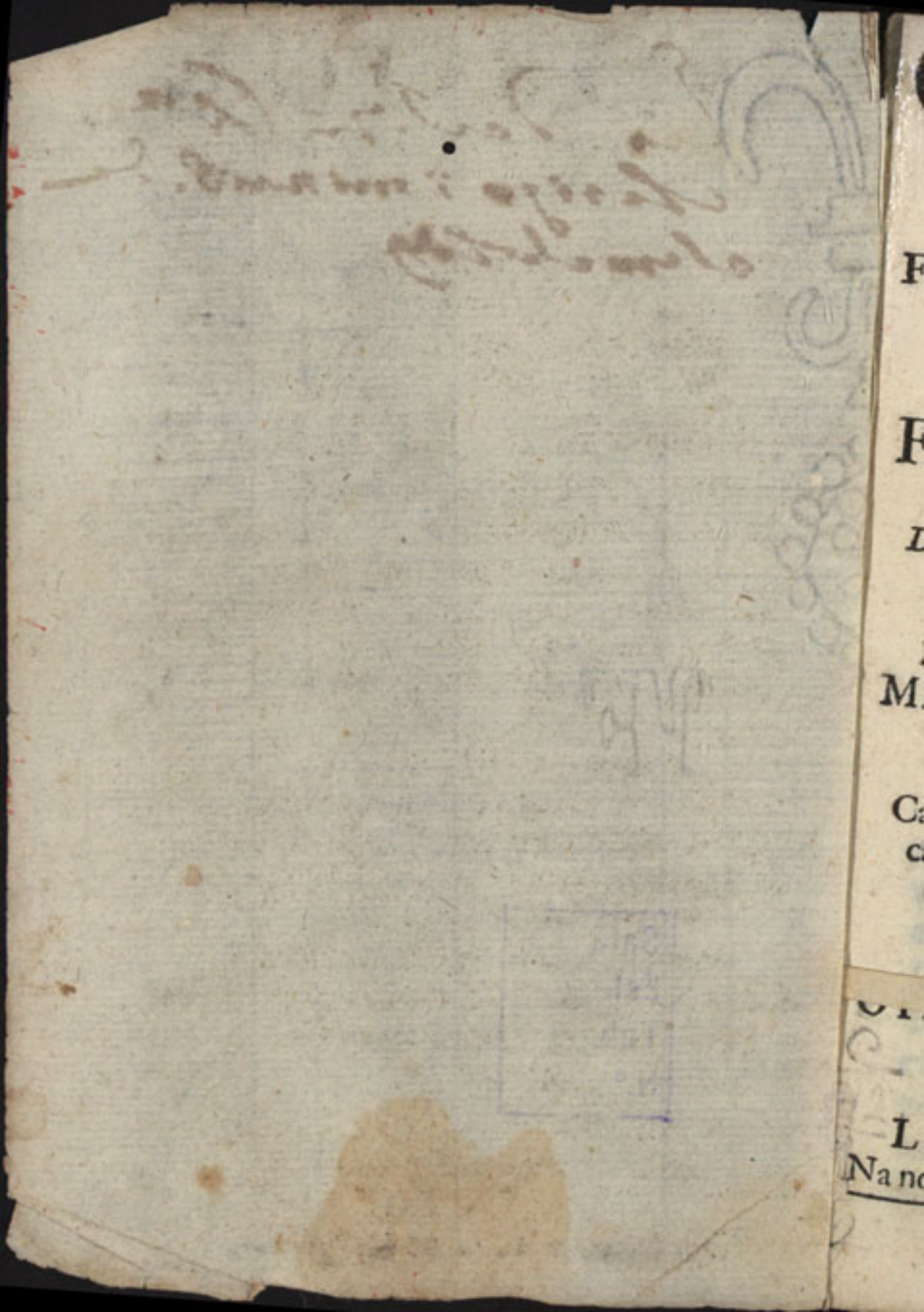
Sala CF
Est. C
Tab. 1
N.º 18

Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
1317609551

Sala CF
Est. C
Tab. 1
N.° 18



O PORQUE

DE TODAS AS COUZAS,
OU ENDELECHIA
DA
FILOSOFIA, NATURAL, E MORAL,
PROBLEMAS DE ARISTOTELES,
Escritos no idioma Castelhano
Pelo Padre Mestre Presentado
Fr. ANDRE' FERRER
DE VALDECEBRO.
Da Esclarecida Ordem dos Prègadores, e Qualificador da Santa Inquisiçaõ de Castella.
Expostos na lingoagem Portugueza,
E OFFERECIDOS AOS SENHORES
MANOEL GOMES DE CARVALHO,
E SYLVA,
PAY, E FILHO.
Cavalheiro Professo da Ordem de Christo, Alcayde Mòr de Aveiro, &c. e Juiz das Propriedades da Arrabida, e Cetuval, Excutor do Almoxarifado de Azeitaõ, &c.
Por hum dos seus Cappelaens
MANOEL COELHO RABELLO
Presbitero do Habito de S. Pedro.

Sala CF
Est. C
Tab. 1
N.º 18
2.XI.971
FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
Biblioteca Central
25 593

(✠)

LISBOA OCCIDENTAL:
Na nova Officina de Mauricio Vicente de Almeida.
M. DCC. XXXIII.
Com todas as licenças necessarias.

AOS SENHORES

MANOEL GOMES DE CARVALHO E SYLVA,

Pay, e Filho.

Cavalheiro Professo da Ordem de Christo, Alcayde Mòr de Aveyro, &c. e Juiz das Propriedades da Arrabida, e de Cetuval, Executor do Almoxarifado de Azeitaõ, &c.

DEZEJANDO eu gratificar a VV. MM. com alguma demonstraçaõ publica o beneficio das continuas esmolas, com que VV. MM. soccorrem a pobreza dos Sacerdotes necessitados, e os alivios, que juntamente experimentaõ as Almas, offerecendo a Deos Nosso Senhor por nossas mãos infinitos, puros, Santos, incruentos, e immaculados sacrificios, em satisfaçaõ das penas, que haviaõ de padecer no Purgatorio, na celebre, e antiga Ermida de Nossa Senhora do Amparo, Cazas Santas, e Reaes de Santo Antonio, e Mizericordia, insigne Parochia de S. Paulo, e outras muitas Igrejas, rezolvi,

offerecer a VV. MM. este pequeno, e grande Livro: grande pela materia, e pelo Escritor, que o abbreviou, pequeno pelo volume, e por ser Traducçaõ minha.

Tem por titulo o Porque de todas as couzas; e sabida a razaõ, que me moveo, e o impulso, que me elevou a semelhante offerecimento, me he precizo declarar o porque o offereço a ambos VV. MM. sem distinçaõ; o porque elegi mais a VV. MM. que a outro Patrono; o porque offereco a VV. MM. mais este Livro, que outros, que em outro tempo hey de publicar.

Offereço-o a VV. MM. ambos sem distinçaõ; porque sendo notorio, que a Natureza, e a graça os fizeraõ a VV. MM. taõ parecidos, a natureza uniformando-os nos genios, virtudes moraes, e politicas, &c. a graça concedendo-lhes no Bautismo o mesmo nome, de tal modo, que he precizo para os distinguirmos humanamente, uzarmos dos distintivos de Pay, e Filho; entendi: que os naõ devia separar a VV. MM. em huma carta Deditatoria; conformando-me com o que a graça, e natureza dispuzeraõ.

O porque elegi mais a VV. MM. que a outro

tro Patrono, foy, porque me lembrou; que à ſombra de hum famozo carvalho ſe figurarão os dous Myſterios, empenho principal da noſſa Santa Fé; o da Trindade Santiſſima, e o do Santiſſimo Sacramento do Altar; pois ſendo tres os Varoens, que à ſombra de tanta arvore, hoſpedou o grande Patriarcha Abrahaõ, nelles adorou hum ſó; e comendo elles do paõ, que lhes offereceo na meza, lhes parecerão Anjos: e como VV. MM. nos hoſpedaõ liberalmente à ſua charitativa ſombra em tantas Igrejas, ordenando ſe nos exponha a Sagrada Meza; adonde, depois de nos ſuſtentar com ſuas eſmolas, como homens, comemos o Paõ Angelico, que nos transforma em Anjos; adonde debaixo dos Accidentes de paõ, e vinho ſuſtentados na Quantidade, que milagroſamente os ſuſtenta, ſem que haja ſubſtancia, que a ſuſtente, eſtà Chriſto Senhor Noſſo, como eſtà nos altos Ceos; adonde adoràmos verdadeiramente a Deos Trino, e Hum, adonde adoràmos o Verbo Divino, aſſiſtido do Pay, e do Eſpirito Santo com diſtinçaõ de Peſſoas, e ſem diſtinçaõ de Natureza, naõ em figura, mas realmente: entendi; que entre muitos ſenho-

ves, que tambem nos beneficiaõ, sómente devia eleger a VV. MM. nesta occaziaõ para Patronos; porque esta mesma hospedajem, que os mais senhores nos offerecem, he de quando em quando, de tempos em tempos, de anno em anno; porèm, a que VV. MM. nos offerecem, he continua, e quotidianamente, pois estamos sempre comendo, à sua charitativa sombra. Bem sey eu que agora naõ faltarà, quem verta o antigo rifaõ: O Clerigo, donde canta, dahi janta; desta sorte; os Clerigos como jantaõ, assim cantaõ; e se assim o verterem em obsequio de applaudirem as esmolas, que VV. MM. nos fazem, em veneraçaõ, do que dezejamos mostrarnos agradecidos, eu me dou por satisfeito.

Esta charitativa liberalidade, com que VV. MM. nos hospedaõ em taõ divina Meza, adonde nos alimentamos ao mesmo tempo espiritual, e temporalmente, lhes adquirio a VV. MM. o especioso Epiteto, de Pays dos Sacerdotes pobres; e com razaõ: pois se Abrahaõ pela numeroza, e inextinguivel descendencia, que teve, e naõ sustentou, foy chamado pay de muitas gentes, sustentandonos VV. MM. por taõ estranho modo, ainda

que

quenos naõ gerárão, tem com muita propriedade adquirido, e merecido taõ glorioso Epiteto. Pois mais o merecem os que nos sustentaõ, que os que sómente nos gerarão. Comigo ordeno a prova, que em outra idade, e muitas vezes hoje, chamava pay com tanto, ou mais gosto, ao que me educou, e alimentou, que ao que sómente me gerou; e he questaõ problematica, se devemos mais aos pays, que sómente nos gerárão, se aos que nos educaõ, e alimentaõ. Oh quantas vezes ouvi a muitos destes seus filhos, os Sacerdotes necessitados, que tristes pela falta de tençoens, entrando VV. MM. em alguma das Igrejas referidas, diziaõ. Deos he comnosco; Nobiscum Deus alludindo ao especioso nome de Emmanuel; que assim se intrepeta; explicando deste modo as mercès, que Deos Nosso Senhor lhes destribuhia pelas mãos de VV. MM. Oh quantas vezes lhes ouvi dizer, naõ vendo os mensageiros, que VV. MM. algumas vezes mandaõ por impedimento precizo, que occorre, a soccorrernos, já despedidos por algum dos Mordomos, que como querem, fazem esta repartiçaõ, esperemos, que nosso pay naõ ha de faltar em hospe-

darnos à ſua charitativa ſombra?

Agora entendo eu a razaõ, porque o Muito Reverendo Padre Antonio do Eſpirito Santo Mà-Cabello, Theologo, e inſigne Advogado da Caza da Supplicaçaõ, e Curia Patriarchal, &c. offereceo ao Senhor Manoel Gomes de Carvalho pay a ſua Polyanthea Euchariſtica; *pois conſideradas eſtas circunſtancias, que deſcubrio o meu agradecimento; Livro, que tratava Elogios do Myſterio da Fé, por anthonomazia, ſómente ſe havia de ler, e comer (que tambem os Livros ſe comem, e ſaõ doces como mel, ſe a materia de que tratаõ, he, como a que no ſeu Livro expòs eſte meu irmaõ duas vezes) à ſombra de hum Carvalho taõ celebre: Livro, que expunha excellencias do Santiſſimo Sacramento do Altar, ſómente ſe havia de publicar debaixo do nome de hum dos pays dos Sacerdotes pobres.*

Vivaõ pois temporalmente dilatados annos os noſſos pays; digo eu, e meus amados irmãos, e as Almas, que ainda exiſtem no Purgatorio. Vivaõ, como aquelle Carvalho, do qual affirmaõ os Eſcritores da Terra Santa ainda tem hoje a temporal exiſtencia,

o que

o que ſe attribue a grande charidade de Abrahaõ, e aos dous Myſterios taõ grandes, que a ſua ſombra ſe figuràraõ; e ſuppoſto que as Almas Santas, que jà gozaõ da prezença de Deos, là dezejem a VV. MM. eternamente; nòs, e as Almas, que ainda exiſtem no Purgatorio, embargamos as ſuas ſupplicas, pedindo a Deos Noſſo Senhor lhes dilate a vida temporal, pois della neceſſitamos, e tanta he a charidade de VV. MM. que entendo, ouvindo as Almas, que jà gozaõ da viſta de Deos, que por lhes agradecerem os immenſos beneficios recebidos, pedem a ſua companhia; ouvindo as que ainda exiſtem no Purgatorio, que pedem, e neceſſitaõ dos immuneraveis ſuffragios, que a todas faz applicar; ouvindo aos Sacerdotes pobres, que pedem, e neceſſitaõ das ſuas continuas, e quotidianas eſmolas; vendo-ſe entre taõ confuza harmonia de vozes, humas que lhes pedem a vida eterna, outras que neceſſitaõ da ſua vida temporal; que diraõ a Deos Noſſo Senhor como S. Martinho Turonenſe: Domine, ſi ad huc populo tuo ſumus neceſſarii, non recuſamus laborem.

O porque offereço a VV. MM. mais eſte

Livro,

Livro, que outros que tenho para publicar foy, e he: para que VV. MM. e todos conheçaõ, que grande foy o dezejo de me moſtrar agradecido; pois para me dezempenhar de algum modo, como he muito pobre o meu ingenho, me foy precizo inquietar o Principe dos Filozofos, Ariſtoles, e Eſcritor taõ celebre, que jà campou com eſta verſaõ, illuſtrando-a com os diſcurſos Moraes, e Politicos, que aprezento, violentando-os a fallar no noſſo idioma vulgar; e porque cheira a pobreza, entendi, que ſõmente eſta offerta ſeria do agrado dos pays dos Sacerdotes pobres. Naõ temo, ſendo notoria a ſua aceitaçaõ, que o roaõ os bichos venenozos, porque como nos affirmaõ os Naturaes, todos fogem da ſombra do Carvalho; pelo que ſerà particular o reſpeito, que lhe tenhaõ, e pubblico o dezejo que tive, e tenho de obſequiar, e agradecer tantos beneficios a VV. MM. que Deos guarde muitos annos, &c.

C. e V. O. de VV. MM.

O P. MANOEL COELHO RABELLO.

PRO-

PROLOGO

A TODO O LEITOR.

DEpois, que Scipiaõ Amirato eſcreveo eſte Livro, as Naçoens de Europa ambiciozas o abbreviàraõ ou dilataraõ no ſeu idioma, para inſtruçaõ de todos, os que com facilidade dezejaõ ſaber *o Porque, das couzas naturaes*, de modo, que ſe fez commum, e ordinario a todos os doutos, e plebeos trazendo-o comſigo, para aſſumpto das converſaçoens, que naquelles tempos dourados ſe coſtumavaõ, propondo a pergunta, e reſpoſta que ſe offerecia abrindo-o caſualmente.

Muitos annos aſſim correo, atè que o Reverendiſſimo Padre Meſtre Frey Andrè Ferrer de Valdecebro, da Eſclarecida Ordem, dos Prègadores, Qualificador da Santa Inquiſiçaõ de Caſtella, &c. Lhe deu nova fórma; ajuntandolhe alguns diſcurſos Politicos, e Moraes ſobre particulares Problemas, taõ

doutos

doutos que merecèraõ a estimaçaõ, que a sua pessoa, e os mais escritos seus tiveraõ, e tem na Republica Literaria; e como a nòs os Portuguezes sempre chegaõ tarde semelhantes Livros, porque estamos mais Occidentaes; ainda que me achava com quatro copias impressas Latina, Italiana, Franceza, e Castelhana; me resolvi a traduzir esta por mais ajustada aos Problemas de Aristoteles, mais breve, melhor disposta; e por fazer este pequeno obsequio a huma Religiaõ, que no espaço de seis annos, que peregriney pelas terras estranhas, me honrrou, estimou, protegeo, doutrinou, instruhio, e defendeu em Castella, França, Italia, e Portugal; e naõ obsta para que eu suspenda o meu agradecimento, e naõ confesse tanta obrigaçaõ, o que algum particular se opponha à minha rica pobreza, e ao meu pobre ingenho.

Bem dezejàra eu que este Livro, como nos seculos passados, despertasse os engenhos dos curiozos, no prezente seculo; pois escrevendo conformes ao tempo, naõ se lem, nem ouvem mais que novellas, historias apocrifas, falças appariçoens de Fenomenos, Monstros, &c. invençoens de sonhos, fabulozas prociss̃oens de Turcos, e outras imposturas, com que a historia Ecclesiastica, e secular perde o fio da verdade, que deve seguir; e agora nelle se lhes

propoem

propoem os assumptos dignos de sua especulaçaó.

Como cartel de desafio o proponho a Thelogos, Canonistas, Legistas, Filosofos, Mathematicos, Cosmografos, Medicos, Anatomicos, &c. Opponhaõ-se, e discorraõ para que os seus engenhos lustrem, e se illustrem; que eu para o deffender, e ao Author os espero a sombra do melhor Carvalho, que adorna o scientifico.

VALLE.

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

VIſtas as informaçoens, pòde-ſe imprimir o Livro intitulado *o Porque de todas as couzas*, traduzido em Portuguez; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental ſete de Julho de 1733.

Fr. R. Alancaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

DO ORDINARIO.

VIsta a informaçaõ, pòde-se imprimir o Livro de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença paraque corra. Lisboa Occidental vinte e seis de Julho de 1733.

Gouvea.

DO PAÇO.

QUe se possa imprimir vistas as Licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà a esta Meza para se conferir, e taixar, e dar Licença para correr sem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental dezoito de Agosto de 1733.

Pereira. Teixeyra.

LICENÇAS DO SANTO OFFICIO.

EStà conſórme com o ſeu original. Liſboa Occidental Convento da Boa-hodos Agoſtinhos Deſcalços quinze de Dezembro de 1733.

Fr. Antonio de Santa MARIA.

PO'de correr. Lisboa Occidental dezaſeis de Dezembro de 1733.

Fr. R. Alancaſtre. Cunha. Teixeyra. Sylva. Cabedo. Soares.

DO ORDINARIO.

VIſto eſtar conſórme com o original pòde correr. Lisboa Occidental dezaſeis de Dezembro de 1733.

Gouvea.

DO PAÇO.

TAxaõ eſte Livro em papel em hum toſtaõ, paraque poſſa correr. Lisboa Occidental quinze de Dezembro de 1733.

Pereyra. Teixeira.

O PORQUE

O PORQUE
DE TODAS AS COUZAS.
OU ENDELECHIA
DA
FILOSOFIA NATURAL, E MORAL.

CAPITULO I.
Dos Homens.

Perg. POrque nàsce o homem nù, e veſtidos os outros animaes?

Reſp. Porque as noſſas mãys naõ tem actividade, nem humidade ſuperabundante na matriz, para veſtirem a creatura, ou de lãa, como

as ovelhas; ou de cabello, como os de mais brutos.

2 *P.* Porque choraõ os meninos no tempo em que naſcem?

R. Porque eſtranhaõ o frio, quando ſahem do ventre de ſuas mãys, aonde ſe recreavaõ com o calor; pelo que como delicados, e tenros o ſentem muito, e explicaõ com o choro o dezabrimento, que experimentaõ: e tambem porque os eſpanta a luz repentina por eſtarem coſtumados a aſſiſtir na tenebrozidade da matriz.

3 *P.* Porque levaõ o dedo à boca, tanto que acabaõ de naſcer?

R. Porque os dedos por ſerem nervozos ſe esfriaõ com mais preſteza, e naturalmente buſcaõ neſta acçaõ o abrigo do alento da boca.

4 *P.* Porque ſe lhes naõ infunde a alma no tempo, que ſe concebem?

R. Porque ainda naõ ha corpo, em que ſe depozite.

5 *P.* Por-

5 *P.* Porque se infunde a alma aos varoens nos quarenta dias, e às mulheres nos oitenta?

R. Porque nos quarenta dias está já aperfeiçoado, e repartido em partes o embriaõ dos homens, e o das mulheres nos oitenta.

6 *P.* Porque naõ está repartido em partes, e aperfeiçoado o embriaõ das mulheres, sem que se completem os quarentas dias?

R. Por ser muito debil, e fraco; e como tal se fórma nelle mulher; e naõ tem actividade para se aperfeiçoar, atè que se completem os oitenta dias.

7 *P.* Porque o embriaõ dos varoens se naõ aperfeiçoa antes dos quarenta dias, e o das mulheres antes dos oitenta?

R. Porque nos primeiros seis dias depois da concepçaõ, persevera, sem mudança, no seu ser a materia generante; nos seis que se seguem,

se faz espessa, e còrada; nos doze seguintes jà he carne; e nos quarenta se fórma primeiro o coraçaõ, logo o hombro direito, e por sua orbem a cabeça, o peito, os braços, as costas, as coxas, as pernas, e pès: e o embriaõ das mulheres, pela sua muita fraqueza, humidade, pouco calor, e actividade da materia generante, necessita de outros tantos dias.

8 *P.* Porque ordinariamente se naõ lograõ os que nascem no oitavo mez?

R. Porque neste mez domina sobre elles a Lua, e como he Planeta muito frio lhes extingue o calor natural.

9 *P.* Porque vivem os que nascem no septimo mez?

R. Pela razaõ contraria; pois o Planeta, que domina sobre elles neste mez, he benevolo, e propicio à sua vida, e conservaçaõ.

10 *P.* Porque o commum nascimento suc-

to ſuccede no nono mez?

R. Porque neſte tempo jà a creatura eſtà com a perfeiçaõ total; e muitas que ainda a naõ tem por algum accidente, naſcem no decimo terceyro, ou decimo quarto mez.

11 *P.* Porque ſe parecem muitos filhos ou com ſeus pays, ou com ſuas mãys; e muitos naõ ſe parecem com elles?

R. Pelo exceſſo da materia generante. Se a do pay excede, ſe parece ao pay; ſe excede a da mãy, ſe parece à mãy; e ſe ſe diverte, nem a hum, nem a outro ſe parece. O meſmo tambem coſtuma ſuccéder por influxo celeſte, ou por diſpoziçaõ das primeiras qualidades.

12 *P.* Porque ſe parecem muito com os ſeus avòs?

R. Porque a virtude do avô eſtà no coraçaõ do generante; e porque a natureza aſigna as geraçoens com o concurſo da ſemelhança.

13 *P.* Porque naſcem muitas vezes filhos entendidos de pays neſcios?

R. Porque os pays applicaõ todo o racional, alma, e ſentidos à geraçaõ; e aſſim lhes imprimem toda a virtude racional, e natural.

14 *P.* Porque de pays entendidos naſcem muitas vezes filhos neſcios?

R. Porque deixaõ a acçaõ generante no ſeu curſo natural, ſem que ſe lhes imprima couza alguma da virtude racional.

15 *P.* Porque commummente ſaõ mais vivos, e eſpertos os filhos baſtardos, que os legitimos?

R. Porque a força do amor lhes influe, e imprime com mais efficacia, e viveza a virtude racional, e natural.

16 *P.* Porque os homens pequenos commummente ſaõ mais entendidos, que os grandes?

R. Porque nos pequenos ſe une mais a alma; e aſſim anima com mais efficaz-

ficacia, e virtude as potencias; nos grandes como se dilata, se dilata a virtude, e anima com menos efficacia.

17 *P.* Porque saõ nescios pela mayor parte os que saõ muito altos de corpo?

R. Porque a altura procede do excesso da humidade, que entibia aos engenhos; e sómente se avivaõ, e fortalecem com o calor, e secura.

18 *P.* Porque sómente o homem entre todos os animaes tem o rosto para o Ceo?

R. Porque he o mais perfeito dos animaes, e a estatura em pè he a mais perfeita. Tambem he, porque toda a estatura ha de ter à porporçaõ do seu movimento; e como o homem anda em dous pès, naõ pòde ter melhor porporçaõ, que a de ter a cabeça na parte superior, como figura dyametrica, e pyramidal; ou tambem, porque sempre

veja o ſeu centro, que he o Ceo; advertindo-lhe deſta ſorte a natureza, que ſómente para elle deve olhar.

19 *P.* Porque commummente naõ obraõ os homens o que entendem?

R. Porque a razaõ entende, e o appetite obra; e eſte naõ ſe quer regular pela razaõ.

20 *P.* Porque quaſi todos os homens ſaõ grandes, e as mulheres pequenas?

R. Porque a ſubſtancia do homem he mais efficaz, viva, e poderoza; a das mulheres fraca, debil, e menos activa: e daqui procede o naſcerem mais mulheres, que homens.

21 *P.* Porque tremem aquelles, aos quaes ſe lhes reprezenta alguma couza horroroſa?

R. Porque a força da imaginativa altera o coraçaõ, e acudindo logo todo o calor a favorecello, deixa frios, e ſem forças os membros; de

que

que se segue naturalmente o tremor.

22 *P.* Porque se fazem pallidos, e logo còrados os que se enfadaõ?

R. Porque o enfado provèm do sangue, que se altera junto ao coraçaõ, e chama em seu favor todo o mais sangue, e acudindo o do rosto mais promptamente, os deixa pallidos: e como està muito junto, se reparte, e pela vizinhança, que o peito tem com o rosto, recebe este mayor copia; e assim apparecem muito mais còrados, do que se viraõ pallidos, os que se enfadaõ.

23 *P.* Porque se fazem velhos mais depressa, e vivem menos os homens, que saõ muito gordos?

R. Porque, o que havia de ser sangue, se converte em gordura; e naõ o tendo se sogeita ao frio, e destemperança, principio de que procede o envelhecer, e morrer.

24 *P.* Porque se fazem pallidos os medrozos? *R.* Por-

R. Porque o medo retira o ſangue ao coraçaõ, e deixa o roſto.

25 *P.* Porque ourinaõ os que tem medo?

R. Porque ſe relaxa, e abre a bexiga com a falta do calor.

26 *P.* Porque ſe fazem còrados os vergonhozos?

R. Porque tem o ſangue ligeiro, e alterando-ſe facilmente, ſobe ao roſto, para onde o chama a imaginativa.

27 *P.* Porque tremem aos velhos a cabeça, e mãos?

R. Porque tem fracos, e ſem vigor os eſpiritos animaes, de modo, que naõ pòdem communicar o calor a eſtes membros, paraque eſtejaõ robuſtos, e como he grande o frio, que padecem, e pouca a virtude, que recebem, por iſſo he grande o ſeu tremor.

28 *P.* Porque inclinaõ os velhos a cabeça, e as coſtas para a terra?

R. Pe-

R. Pela meſma razaõ; e porque o corpo he pezado, e faltando-lhe a virtude, que o ſuſtenta, ſe dobra facilmente, e ſe inclina com o pezo para a terra, que he o ſeu centro.

29 *P.* Porque mata hum pezar de repente?

R. Porque a força da apprehenſiva retira ao coraçaõ todo o ſangue, os eſpiritos vitaes, e os humores, que o ſuffocaõ: como v.g. o muito azeite ſuffoca a luz, e a muita cinza abraza.

30 *P.* Porque mata hum goſto de repente, ſendo extremo do pezar?

R. Porque he extremo; e porque a virtude natural, ſahindo do ſeu centro com alteraçaõ do coraçaõ, ſe rezolve; e deſangrado o vazio, que deixa, ſe ſuffoca o coraçaõ. Dous movimentos tem o calor natural; hum que ſobe à cabeça, outro que baixa ao eſtomago, para digerir, o que ſe come. Tanto que falta

falta algum deſtes movimentos; falta a vida; e como o goſto ſuſpende o que baixa, o pezar o que ſobe; por iſſo hum, e outro mata de repente.

31 *P.* Porque morrem de repente os que ſe enchem de vinho?

R. Porque os ſuffoca o demaziado vinho, o qual com o ſeu calor lhes tem conſumido o calor natural.

32 *P.* Porque mata repentinamente o pezar, ou goſto, e naõ a colera, ou o enfado?

R. Porque o pezar, ou goſto alteram, e ſuffocaõ o coraçaõ, cortando-lhe os movimentos: e a colera, e enfado o deixaõ com baſtante calor, pois ſe geraõ de algum ſangue, que a elle ſobe; o qual repartido pelo corpo, aindaque o altere, o naõ ſuffoca, pois o deixa com aquella parte, que he ſufficiente, e naõ exceſſiva.

33 *P.* Porque ſente mais o frio o corpo cuber-

cuberto, do que o roſto deſcuberto?

R. Porque o corpo tem mais calor com o abrigo, que o roſto ſem elle; e como o calor ſente o frio, e naõ o frio o frio; por iſſo o corpo ſente o frio, e o roſto naõ.

34 *P.* Porque eſtaõ pallidos os enfermos?

R. Porque ſe retira às entranhas, figado, e coraçaõ o ſangue que adornava o roſto, para favorecer membros taõ principaes.

35 *P.* Porque baixamos com mais facilidade huma eſcada, que quando a ſubimos?

R. Porque o pezo naturalmente inclina para o centro, e o meſmo pezo ajuda ao que baixa; e naõ ao que ſobe; porque a ſubida he violenta: como v.g. a pedra, que facilmente baixa, e difficultozamente ſobe.

36 *P.* Porque ſe aliviaõ cantando os que trabalhaõ?

R. Porque os ſentidos ſe divertem com

com a musica; que deleyta o animo; e divertidos soffrem mais, e sentem menos.

37 *P.* Porque aos que padecem dores, e achaques, se lhes augmentaõ pela noite?

R. Porque com o socego da noite cuida o enfermo mais nos seus achaques, e dores; e a apprehensaõ lhos aggrava; e tambem, porque como a noite he fria, e humida recebem os achaques, e dores mais facilmente o frio, e humidade.

38 *P.* Porque os homens despertaõ, e os meninos dormem com qualquer ruido?

R. Porque o ecco do ruido altera, e sobresalta o coraçaõ dos homens; o dos meninos naõ; porque o ouvem como musica, que naturalmente socega, e diverte o animo.

39 *P.* Porque dormem muito, quando ouvem cantar?

R. Porque a musica faz com que a alma

alma ſuſpenda de algum modo as ſuas operaçoens, e obrando o calor natural ſem obſtaculo, ſobem ao cerebro vapores ſutis; e aſſim o ſocego, e ſuavidade da muſica facilmente pòdem conciliar o ſomno.

40 *P.* Porque naõ cahem os que andaõ pelas ruas, e cahem os que andaõ em roda?

R. Porque o andar em roda he violento, e o andar pelas ruas he natural; e aſſim neſte ſe naõ dà perturbaçaõ, naquelle ſim; porque o movimento circular turba os eſpiritos animaes do cerebro, e revolvendo-os com as humidades da cabeça, os ſuſpende: pelo que a virtude motiva, e ſenſitiva, que baixa aos muſculos, e nervos naõ pòde obrar com eſta ſuſpenſaõ, e deixando ſem virtude, nem movimento os membros, cahem, os que aſſim andaõ, como os troncos, que ſe cortaõ.

41 *P.* Por-

41 *P.* Porque ſaõ ſurdos os que ſaõ mudos *à nativitate?*

R. Porque eſtaõ unidos os nervos da lingua, e dos ouvidos; e como tenhaõ impedimento os da lingua, naõ tem virtude, nem actividade os dos ouvidos.

42 *P.* Porque ouvem os que ſaõ mudos por algum accidente?

R. Porque ſómente tem lezos, e maltratados os nervos da lingua.

CAPITULO II.

Das Mulheres.

43 *P.* PORque dizem, que a mulher he monſtro; naõ obſtante o ſerem algumas muito fermozas?

R. Porque naſce mulher por defeito da materia generante; e aſſim naſce da imperfeiçaõ contra a ordem da natureza, que ſempre inclina a gerar o mais perfeito, que he

he o homem, pelo que se chama *Homem imperfeito;* e por esta, e outras imperfeiçoens, *Monstro.*

44 *P.* Porque saõ mais fermozas, que os homen?

R. Porque se purificaõ pelos menstruos da humidade, e de outras superfluidades; e porque saõ mais callidas que os homens, saõ mais delicadas, e apraziveis.

45 *P.* Porque naõ tem barbas, como os homens?

R. Porque o menstruo rezolve o humor, de que nascem; e assim as que o naõ tem, lhes cresce o buço, como se vèem muitas velhas.

46 *P.* Porque o engenho de algumas mulheres he tardissimo para o bem, e ligeiro para o mal?

R. Porque todo o semelhante ama ao seu semelhante; e assim o seu engenho por imperfeito se inclina para o mal, e naõ lhe agrada por perfeito o bem.

47 *P.* Porque ſe hade tomar o primeiro conſelho das mulheres?

R. Porque tem viveza, e promptidaõ natural, no que primeiro diſcorrem; e porque a Providencia Divina ſuppre a ſua imperfeiçaõ, miniſtrando-lhes muitas vezes, o que haõ de dizer.

48 *P.* Porque naõ tem ſubſtancia as rezoluçoens, que daõ, depois de as conſiderar?

R. Porque a muita viveza naõ lhes permitte conſiderar o mais acertado; e rezoluçaõ, que naõ he conſiderada, he futil.

49 *P.* Porque he interminavel o dezejo, que tem de parecerem fermozas?

R. Porque he a prenda mais efficaz, para ſerem queridas, e celebradas.

50 *P.* Porque amaõ as máys com mais efficacia aos filhos, que os pays?

R. Pelo muito trabalho, que tem com elles; e porque ſabem certamente, que ſaõ ſeus.

51 *P.* Por-

51 *P.* Porque lhes flue o menſtruo, e naõ aos homens?

R. Porque ſaõ de compleiçaõ mais fria; e o que havia de ſer menſtruo no homem, he ſangue, por razaõ do calor, que tem; e o que havia de ſer ſangue na mulher, he menſtruo, por razaõ da frialdade.

52 *P.* Porque naõ flue às que eſtaõ prenhes?

R. Porque he como nutrimento da creatura, e com ella ſe conſerva.

53 *P.* Porque naõ flue às femeas dos animaes, e aves?

R. Porque nos animaes, e aves ſe converte em pello, pennas, e eſcamas: e aſſim o peixe mulher, e a arraya, que tem menſtruo, naõ as tem.

54 *P.* Porque concebem facilmente depois da fluiçaõ do menſtruo?

R. Porque eſtaõ purificadas, e a matriz appetece com efficacia. Note-ſe, que o multiplicarem tanto os

Hebreos no Egypto, foy, porque se retiravaõ de suas mulheres no tempo da fluiçaõ, esperando que se purificassem totalmente.

55 *P.* Porque alguns Indios tem este fluxo?

R. Porque os alimentos, que comem, lhes fazem a compleiçaõ fria; e assim geraõ muito sangue melancolico, que necessita desta purgaçaõ; ou porque Deos os castigou com este accidente.

CAPITULO III.

Da Geraçaõ.

56 *P.* PORque algumas mulheres sempre concebem varoens, e outras sempre femeas?

R. Por cauza da materia predominante da geraçaõ; e porque, a que se recolhe no lado direito da matriz, gera varaõ, e a que se recolhe

no lado esquerdo, femea: e a razaõ he; porque o lado esquerdo he mais frio, que o direito, por cauza do baço, e a frialdade debilita a virtude do *semen*, e a enfraquece; e assim gera femea: o direito he mais callido, por cauza do figado, e o calor aviva, e fortalece a virtude do *semen*, e assim gera varaõ.

57 *P.* Porque todos os homens naõ saõ iguaes na estatura?

R. Por defeito da virtude generante: e por cauza da matriz, aonde se fabrica. A matriz, que he comprida, e larga concebe largos, e crescidos os filhos; a pequena, e estreita pequenos, e Anaons; e a que he proporcionada perfeitos na estatura.

58 *P.* Porque algumas mulheres parem muitas vezes dous?

R. Porque a matriz tem sete receptaculos: tres no lado direito, tres no esquerdo, e hum no meyo. Nos do

lado direito se concebem varoens, nos do esquerdo femeas, no do meyo Hermafroditas. Concebem pois as mulheres, e parem dous, quando superabunda a materia generante; e naturalmente pòdem conceber, e parir sete, como succedeo em Catalunha, na familia dos Porcells, a que deraõ este nome, por nascerem sete de hum parto.

59 *P.* Porque a que pare homens muito crecidos, pare tambem algum Anaõ?

R. Por falta de accidente da matriz, ou por influxo especial, ou por disproporçaõ de humores.

CAPITULO IV.

Dos Monstros.

60 *P.* PORque nascem monstros?

R. Por fraqueza, ou muita abundancia da virtude generante;

te; por accidente na matriz; por apprehenſaõ viva, e efficaz; por conſtellaçaõ, ou influxo eſpecial.

61 *P.* Porque agora naõ ha Gigantes, como nos ſeculos paſſados?

R. Porque a natureza eſtà debilitada, e naõ tem força, e vigor para os gerar; ainda, que affirmaõ, que no Oriente ha Naçaõ de *Genere Giganteo.*

62 *P.* Porque ſaõ monſtros os Capados?

R. Porque nem ſaõ homens, nem mulheres.

63 *P.* Porque não tem barbas os Capados?

R. Porque ſaõ muito frios por cauza da muita abundancia, que tem de pituita; e com a falta de calor, tem cerrados, e conſtipados os poros.

64 *P.* Porque tem todos commummente voz de tiple?

R. Porque a cana do boſe recebe pouco ar, e como he ſubtil, e bran-

do, assim sahe a voz; e porque à muita humidade, e pituita lhes embaraça as vias, e orgaons da voz, (como succede nos que estaõ acatarrados, os quaes tendo a voz grossa, fallaõ em tiple,) e como sahe por huma cana taõ estreita, e apertada, sahe subtil, e delgada. Tambem isto se mostra nos Clarins, Charamelas, e Cornetas.

65 *P.* Porque naõ nascem os homens com cauda, como os animaes?

R. Porque se sentaõ, e se a tivessem, naõ se poderiaõ sentar commodamente. Affirmão alguns, que ha casta de Hebreos, que nascem com esta desproporção.

CAPITULO V.

Dos Hermafroditas.

66 *P.* POrque se gerão Hermafroditas?

R. Por-

R. Porque ſe concebem no receptaculo, que eſtà no meyo da matriz, o qual não tem virtude efficaz para produzir varaõ, e a tem ſuperior para conceber femea; e aſſim feito o mixto de femea, e varão, ſe concebe o Hermafrodita.

67 *P.* Porque naſcem ſempre com ambos os ſexos de varão, e mulher; e não com dous de homem, ou dous de mulher?

R. Porque a natureza fizera huma couza em vaõ, ſe o executàra.

68 *P.* Porque os Hermafroditas ſe inclinão ſempre ao uzo de varoens?

R. Porque nelles appetece a natureza o mais perfeito.

69 *P.* Porque não gerão, ſe uzão do ſexo de varoens, nem concebem ſe uzão do de femeas?

R. Porque tem a virtude generante leſa, por eſtar repartida, e aſſim eſtão impotentes para gerar, ou conceber.

CAPITULO VI.

Dos Abortos.

70 *P.* PORque abortão as prenhadas?

R. Por muitas cauzas; a principal he, o deſtemperar-ſe a matriz, e relaxadas as ligaduras, com que a creatura eſtà preza, ſahe eſta ſem tempo, ou ſem a total perfeição: ao que chamamos *Aborto.*

71 *P.* Porque ouvindo trovoens, ou rayos abortão algumas mulheres?

R. Porque o medo, que concebem, lhes faz retirar o calor, que fomenta, e abriga a matriz ao coração; e como a matriz ſe esfria, e ſe relaxa, arroja a creatura.

72 Porque as mulheres de pouca idade abortaõ mais facilmente, que as que tem muita?

R. Porque tem as carnes mais ligeiras,

ras, e porosas, que as demais idade, que as tem fortes, e mociſſas; pelo que ſoffrem mais, e ſentem menos.

73 *P.* Porque faz abortar hum goſto repentino?

R. Porque o grande exceſſo de alegria, e a apprehenção della faz retirar todo o calor da matriz ao coração, e ficando ſem forças, nem virtude, ſe ſolta a creatura. No pezar ſuccede o meſmo.

74 *P.* Porque abortão facilmente no primeiro, ſegundo, e terceiro mez?

R. Porque, como eſtão ſubtis, e delgadas as ligaduras da creatura, com muita facilidade ſe quebram, e relaxão.

75 *P.* Porque não abortão com eſta facilidade no ſeptimo, e oitavo mez?

R. Pela razão contraria.

76 *P.* Porque ſaõ eſtereis algumas mulheres?

R. Por deſtemperança da matriz; pela

pela disproporção dos humores de marido, e mulher; porque hum, e outro, ou saõ muito callidos, ou muito frios; ou por falta de virtude generante, ou recipiente.

77 *P.* Porque saõ estereis as mulheres publicas?

R. Pela differença dos generantes, e porque a materia de hum destroe a do outro. He grande remedio, para que conceba a mulher esteril, tomar a matriz de lebre, desfeita em pò.

CAPITULO VII.

Da Cabeça.

78 *P.* POrque he redonda a cabeça dos homens?

R. Porque a figura esferica he a mais capaz para receber; e como as potencias, e sentidos se recolhem nella, o esferico insinùa a sua

a ſua devida proporçaõ.

79 *P.* Porque he redonda, e comprida?

R. Porque as potencias eſtejão ſem oppreſſaõ, com ordem, e união.

80 *P.* Porque levantamos a cabeça para o Ceo, quando eſtamos penſativos, ou divertidos?

R. Porque a imaginativa eſtà junto à teſta, e levantando-ſe a cabeça, ſe abre o receptaculo, que a encerra, e entrando nelle os eſpiritos animaes, dão forças, e vigor ao que ſe cuida.

81 *P.* Porque quando cuidamos em couzas que ſuccedèrão, inclinamos a cabeça para baixo?

R. Porque quando a cabeça ſe inclina, levanta o cerebro, aonde eſtà a memoria, abre-ſe o ſeu receptaculo, e entrando os eſpiritos animaes, a confortão, para que com facilidade ſe lembre das taes couzas.

82 *P.* Porque padece mais dores, e mais

mais commummente, que os outros membros?

R. Porque por dous nervos grandes ſe communica com o eſtomago, e os accidentes que nelle ha, os ſente logo a cabeça.

83 *P.* Porque commumente as mulheres eſtão enfermas da cabeça?

R. Porque evaporão, por razão do menſtruo, humores immundos, e venenozos; e como ſaõ muito ſubtìs, ſobem à cabeça, e a enfermão.

84 *P.* Porque eſtão todos os ſentidos na cabeça?

R. Porque nella eſtà o cerebro, que he o que dà, e communica ſenſação a todos os eſpiritos, governa todos os membros, e delle dependem todos os ſentidos.

85 *P.* Porque he mortal a ferida do cerebro?

R. Pela meſma razão.

86 *P.* Porque he tão frio?

R. Porque ſe aclare, e ſubtilize o en-

o entendimento; e porque modere o fogo, que sobe do coração; e para que a humidade, de que tanto necessita, tenha este favor.

87 *P.* Porque os que tem a cabeça pequena se enfadão facilmente?

R. Porque o calor, que recebe do fogo do coração, mais facilmente se irrita, e accende, por estar mais unido, e recolhido; e como a colera nasce do fogo, que accende o sangue, tudo o que havia de ser fogo, se converte em ira, por cauza da irritação.

88 *P.* Porque tem a cabeça cabello?

R. Porque nella está o cerebro, e pelos cabellos se purga, e evacua dos vapores crassos, que concebe. De quatro modos se purga o cerebro: do humor aquozo, e superfluo, pelos olhos; da melancolia, pelos ouvidos; da colera, pelos narizes; da fleuma, pelos cabellos.

89 *P.* Porque tem os homens os cabellos,

los, mais compridos, que os outros animaes?

R. Porque tem o cerebro mais humido; e como os noſſos humores ſejão groſſos, não ſe ſecão com facilidade, e ſe animão os cabellos com eſte humor.

90 *P.* Porque tem as mulheres os cabellos mais compridos, que os homens?

R. Porque tem mais humor, e mais fleuma, que he o nutrimento do cabello; pela craſſidaõ que evaporiza o menſtruo; e porque lhes ſobeja no cabello, o que lhes falta na barba.

91 *P.* Porque ha tanta differença de cabellos nos homens, e mulheres?

R. Pela differença dos humores, e cutis.

92 *P.* Porque commummente tem as mulheres o cabello lizo, e brando?

R. Porque o muito humor conſtipa os poros, e por cauza da oppreſ-

ſaõ

saõ sahe o cabello subtil, e brando.

93 *P.* Porque os negros, mulatos, e alguns brancos tem o cabello crespo?

R. Porque tem a cutis mais crassa, e os poros muito abertos.

94 *P.* Porque encanecem os velhos?

R. Porque não tem calor para gastar o superfluo, e humido da raiz do cabello, que lhes dà a cor negra, ruiva, ou castanha, e assim sahe branco, como a raiz.

95 *P.* Porque encanecem os que padecem trabalhos?

R. Porque se diverte o calor natural com os cuidados, passando a animar o coração, que com elles se desmaya, e não acode ao cabello: pelo que diz o rifaõ castelhano.

El cuidado nos haze canos, aunque nos falten los años.

Cura facit canos, quanvis homo non habet annos.

CAPITULO VIII.

Dos Calvos.

96 *P.* POrque saõ muitos homens calvos?

R. Por falta de humidade, e demaziada secura; falta-lhes o nutrimento, e a secura o rezolve, e consome.

97 P. Porque não hà remedio efficaz para fazer com que cresça o cabello aos calvos?

R. Porque a secura rezolveo a raiz, e faltando a raiz, não pòde haver remedio para a produzir.

98 *P.* Porque ordinariamente se fazem os homens calvos no alto da testa, e não em outra parte da cabeça?

R. Porque a raiz do cabello he branda, e ligeira nesta parte, e a secura a consome facilmente.

99 *P.* Porque saõ enganozos os calvos, comfórme o verso:

Si non vis falli, fugias consortia calvi?

R. Por-

R. Porque saõ de compleiçaõ colerica, e seca; e os colericos obraõ sem consideraçaõ; e como naõ se capacitaõ das couzas, obraõ sem verdade, porque a atropella a colera.

100 *P.* Porque naõ saõ calvos os cegos?

R. Porque a humidade dos olhos sobe a nutrir, e animar os cabellos.

101 *P.* Porque se erissam os cabellos aos que tem horror, ou medo?

R. Porque o medo retira o calor ao coraçaõ, cerram-se os poros, e se erissam os cabellos. O que succede com o Javali; com o gato àvista do caõ; e com o caõ, que àvista de outro caõ, eriça o cabello.

102 *P.* Porque raramente se encontra huma mulher calva?

R. Porque tem muita superabundancia de humor, que nutre, e alimenta o cabello.

103 *P.* Porque renascem pennas, e folhas às Aves, Arvores, e Plantas; e aos

calvos não lhes torna a naſcer o cabello?

R. Porque a humidade conſerva as raizes que tem; e os calvos não tem raiz, nem humidade.

104 *P.* Porque alguns meninos eſtaõ cheyos de caãs?

R. Porque lhes falta a humidade, que accidentalmente dà a cor ao cabello; pois todos ſaõ callidos, e humidos.

105 *P.* Porque naõ ſaõ calvos, nem encanecem?

R. Porque tem muito humor nutrimental de cabello, e não lhes faltaõ as raizes; e porque não tem cuidados, tem calor, e naõ encanecem.

CAPITULO IX.

Dos Olhos.

106 *P.* PORque temos dous olhos?

R. Porque como he ſenti-

do

do taõ neceſſario, ſe hum faltar, tenhamos outro, com a virtude de ambos.

107 *P.* Porque he mais amavel a viſta, que os mais ſentidos?

R. Pela meſma razaõ; e porque nos moſtra todas as couzas; e porque o homem ſem viſta, he tronco.

108 *P.* Porque temos differentes cores nas meninas dos olhos?

R. Pela differença dos humores, que temos; e porque os olhos tem quatro tunicas, e tres humores: as tunicas ſaõ uvea, aranea, cornea, e conjuntiva; os humores ſaõ, vitreo, albugineo, e criſtallino; e como for o humor predominante, aſſim ſerà a cor.

109 *P.* Porque os olhos negros vem mal de noite, e bem de dia?

R. Porque he cor de humor frio, e ſeco; e recebe de dia a luz com mais efficacia: de noite naõ, porque o negro das meninas ſe une fa-

cilmente com o negro da noite, pela ſemelhança, e naõ a pòde vencer.

110 *P.* Porque os olhos brancos vem ao contrario?

R. Porque o branco por natureza luz; e a meſma luz debilita os eſpiritos viſiveis: e aſſim naõ vem bem de dia; de noite ſim, porque ſe confortaõ com a claridade.

111 *P.* Porque fechamos hum olho, quando diſparamos hum arcabuz?

R. Porque deſte modo ſe faz mais certa a pontaria; e porque a virtude viſiva, do que ſe fecha, paſſa ao que eſtà aberto.

112 *P.* Porque muitos tendo os olhos claros naõ vem?

R. Porque tem opilados os nervos, que animaõ a viſta, e por elles não ſe pòde conduzir a virtude viſiva do cerebro; e porque muitos tem gota ſerena, que eſtà diante da menina, como a nuvem diante do Sol

113 *P.* Por-

113 *P.* Porque saõ os olhos cristallinos, e claros?

R. Porque saõ de natureza de agoa, e porque reverbere mais o visivel sobre o transparente, paraque se confórte, e facilite a vista.

114 *P.* Porque vem mais os que tem os olhos encovados, que os que os tem sahidos para fóra?

R. Porque tem mais recolhida a virtude visiva, e sahe mais direita, e mais forte, como quando recolhemos a vista, e a naõ divertimos em hum profundo poço, nelle vemos as Estrellas ao meyo dia.

115 *P.* Porque nascem muitos animaes cegos?

R. Porque as mãys tem falta de actividade na matriz.

116 *P.* Porque as Andorinhas cobraõ a vista perdida com a Celidonia?

R. Porque a Divina Providencia deu especial virtude a esta erva.

117 *P.* Porque dormem os Leoens, e as

Lebres com os olhos abertos?

R. Porque não os pòdem fechar, por ſerem muito groſſos, e grandes, e as palpebras pequenas.

118 *P.* Porque quando queremos ver ao longe, pomos a mão ſobre os olhos?

R. Porque aſſim ſe recolhe, e une a viſta, e aſſim vè mais, e melhor.

119 *P.* Porque cega de repente o que ſalhe da eſcuridade para a luz?

R. Porque paſſa de hum extremo a outro, e a Natureza não ſofre extremos, e porque a alegria da luz lhe ſuffoca o viſual, por ter muito debilitados, e fracos os eſpiritos viſiveis com a eſcuridade, e não podendo reſiſtir à violencia da luz, cega.

120 *P.* Porque vem de noite muito mais os que eſtaõ ſentados, ou em parte baixa, que os que eſtão de pè?

R. Porque os vapores eſcurecem mais o ar, que eſtà apartado da ter-

ra,

ra, que o que eſtà mais perto, porque eſte he mais ſubtil, porque tem menos vapores.

121 *P.* Porque muitas aves, e animaes vem de noite?

R. Porque o Sol lhes communica luz aos olhos, para vencer as trevas da noite; e porque a ſua viſta he tão viva, e penetrante, que cobra forças, e corpo para vencer a eſcuridade.

122 *P.* Porque vemos, quando he de noite, luzir os olhos do gato, e não de dia?

R. Porque a luz do dia he ſuperior à que tem o gato nos olhos, e a eſcurece; de noite a deſcobre a meſma eſcuridade, pois qualquer luz por pequena ſeja, brilha de noite. De mais que os olhos do gato tem minguantes, e creſcentes das Luas; creſce a Lua, e creſcem as meninas dos olhos dos gatos; mingua, e minguaõ; e não lhes falta luz, para

que

que se não possa ver.

123 *P.* Porque os *Zahories*, a que chamamos Védores de agoas, penetrão a terra com a vista, vem os mortos nas sepulturas, e os thezouros encerrados?

R. He falso o que publicão, pois nem penetrão, nem pòdem penetrar a terra. Se a penetrarão, tambem penetrarão a escuridade da noite, que he menos; e se a experiencia nos mostra que de noite não vem, e tropessaõ, e cahem como os demais; como pòdem logo penetrar a terra? Este he hum dos embustes, e enganos com que vive muita gente ociosa, e vagabunda.

124 *P.* Porque chorão muito os que costumão rir muito, bebem muito vinho, e sentem alguma paixão grave.

R. Porque os qne costumão rir muito, relaxão as vias com o movimento, e a humidade que tem, lhes

sahe

ſahe pelos olhos; aos que bebem vinho demaziadamente, lhes detem os vapores deſte licor o ar, que havia de ſahir pela boca, e paſſando com violencia aos olhos, irrita a humidade, e ſolta as lagrymas; aos que tomão alguma paixão, porque com o ſentimento, ſe lhes fechão as vias dos olhos, e ſe rezolve em lagrymas toda a humidade, que tem.

125 *P.* Porque o que eſtà enfermo dos olhos, pega eſte achaque ao que eſtà livre delle; e o que eſtà bom, naõ pega a ſaude ao que os tem enfermos?

R. Porque o mal em toda a parte facilmente tranſplanta os ſeus effeitos; e nos olhos muito mais por ſerem humidos, e brandos. A ſaude não ſe pega, porque lhe falta a virtude para expellir o mal contrario, (o que talvez faz a medicina) porque naõ depende do ar exterior, depen-

depende ſim do accidente interior.

126 *P.* Porque ſe quebra o eſpelho, quando nelle ſe vem mulheres menſtruadas?

R. Porque o humor, e vapor venenozo do menſtruo, que lhes ſobe à cabeça, ſahe com tanta violencia, que encontrando o cryſtal, o faz em pedaços; e he, porque como naõ tem poros, obra o veneno com a efficacia da reſiſtencia, que he ſolida, maciſſa, e facil.

127 *P.* Porque mata o Baſiliſco com a viſta?

R. Porque tem o veneno nos olhos, como o tem as Viboras na boca; e como he taõ activo, entra pelos daquelles, que o vem, e buſca o coraçaõ, e o ſuffoca. Pela meſma razaõ, coſtumaõ muitas vezes morrer algumas peſſoas, e animaes, por ſerem viſtas por olhos venenozos; a que chamamos quebranto. Alguns negão eſte mal, porèm a expe-

experiencia, e evidencia moſtra o contrario, por ſer couza que ſe vè muitas vezes.

128 *P.* Porque vendo-ſe hum colerico em o eſpelho, ſocega a paixaõ, que o irrita?

R. Porque a colera o reprezenta feyo, e como a fealdade ſe aborrece naturalmente, naturalmente ſocega o que padece eſta turbaçaõ, vendo-ſe no eſpelho.

129 *P.* Porque vemos luzes na eſcuridaõ da noite, quando deſpertamos de algum ſomno profundo?

R. Porque os eſpiritos viſiveis ſocegados ſe confortaõ, e dando a viveza, e efficacia que baſta aos olhos, para vencerem as trevas, vem eſtes alguma luz; ainda que ſómente exiſta, quanto exiſte o vigor, e efficacia. Dizem que o Emperador Auguſto via a luz, e vencia as trevas pela duraçaõ de hum quarto de hora, quando deſpertava de noite.

130 *P.* Por-

130 *P.* Porque baixaõ os olhos os vergonhozos?

R. Porque os olhos saõ espelho do animo, e manifestaõ, e publicaõ vivamente os seus affectos, e o temor de que se vejaõ, e leaõ nelles os persuade, a que os baixem, para os reprimir.

131 *P.* Porque parece que lançaõ chammas pelos olhos, os que se enfadaõ, e encolerizaõ?

R. Porque a ira move o sangue mais subtil, que està junto ao coração, acende-o a colera, sobe ao rosto, e chega abrazado aos olhos, que como saõ transparentes, o reprezentão em fórma de chammas.

132 *P.* Porque quando esfregamos os olhos, vendo huma couza, nos parece que vemos muitas?

R. Porque os rayos visuaes se divertem para muitas partes, e em cada hum se reprezenta huma figura: v.g. o espelho quebrado, que sendo

do todo hum, reprezenta muitos roſtos.

133 *P.* Porque os que eſtão bem cheos de vinho, dizem, que vem muitas luzes, quando naõ ha mais que huma na caza?

R. Porque enfraquecem a viſta os vapores do vinho, e não pòdem olhar direito, trocando as linhas vizuaes. A eſtes ſuccede o meſmo, que aos que esfregaõ os olhos.

CAPITULO X.

Dos Narizes.

134 *P.* PORque temos Narizes?

R. Para ajudar a reſpiraçaõ da boca: e porque o cerebro ſe purgue da colera pelas ventas, e para adorno do roſto.

135 *P.* Porque ſobreſahe tanto ao roſto?

R. Porque naõ offenda a ſua purgaçaõ aos mais ſentidos, e porque eſteja

teja facil para receber o cheiro.

136 *P.* Porque tem o homem menos olfatto, que outros animaes?

R. Porque he muito humido de cerebro, e a humidade relaxa muito o seu orgaõ; como v.g. os que tem catarro, que naõ cheiraõ, por cauza da grande hnmidade que lhes entupe os narizes.

137 *P.* Porque espirraõ os homens?

R. Para purgar a virtude expulsiva, e visiva. A tosse purga ao bofe, o espirro ao cerebro, e assim os que espirraõ muito, vivem sem males; e enfermos os que não espirrão; porque he certo terem o cerebro opilado com màos humores, por falta da purgaçaõ.

138 *P.* Porque naõ espirraõ os Apopleticos?

R. Porque tem opilado o cerebro, e as suas vias?

139 *P.* Porque fazemos tanto estrondo, quando espirramos?

R. Por-

R. Porque como he vapor do cerebro, e o cerebro eſtà unido com o peito, bofe, e coraçaõ pela virtude motiva, todos ſe irritaõ com a expulſaõ, e concorrem a fazer aquelle eſtrondo, rompendo com violencia o Ar da reſpiraçaõ.

140 *P.* Porque eſpirraõ os que tomão tabaco?

R. Porque he callido, e ſecco, e purga a humidade do cerebro, attrahindo-a aos narizes.

141 *P.* Porque a ſevadilha faz eſpirrar tanto, com tanta força, e com tanta vehemencia?

R. Porque he callidiſſima, e tem huma natural acrimonia; oppoſta à humidade do cerebro, que o irrita com violencia, e o faz eſpirrar demaſiadamente.

142 *P.* Porque eſpirraõ tanto os que padecem catarro, ou defluxo?

R. Porque eſte accidente enche o cerebro de humidades, e como lo-

go as irrita o calor do meſmo accidente, incita os narizes a eſpirrar; e tantos ſaõ os eſpirros como a carga deſte humor.

143 *P.* Porque, olhando para o Ceo, logo eſpirra, o que naõ podia eſpirrar?

R. Porque, levantando a cabeça, ſe detem o humor no naſcimento do nariz, adonde pica, e faz o effeito: e tambem porque ſe move o cerebro, e deſpertando novo humor, que fortifica, favorece ao que começou o eſpirro.

144 *P.* Porque provoca a eſpirrar o calor do Sol, e naõ o do fogo?

R. Porque o calor do Sol irrita, e naõ rezolve o vapor, que expelle o eſpirro; e o do fogo rezolve, e naõ provoca.

CAPITULO XI.

Das Orelhas.

145 *P.* POrque temos duas Orelhas?

R. Porque se nos faltar hum, ouvido tenhamos outro, pois he taõ necessario este sentido; e porque o cerebro purgue o humor melancolico.

146 *P.* Porque naõ move o homem as Orelhas, assim como os outros animaes?

R. Porque o homem as tem unidas, e prezas com hum musculo à cabeça: e os outros animaes as tem soltas.

147 *P.* Porque saõ tontos, e ignorantes commummente os homens, que tem Orelhas grandes, e compridas?

R. Porque abundaõ de materia secca, e fria, e naõ tem aquelle calor que aviva o engenho, e anima o entendimento.

148 *P.* Porque saõ semifatuos?

R. Pela mesma razaõ; e porque os entorpece, e lhes suspende as operaçoens a muita frialdade. Muitas vezes segue a Alma o corpo nas operaçoens. Se os sentidos, e espiritos animaes do corpo saõ subtìs, obra a Alma com subtileza; se saõ torpes, e rudes obra com torpeza, e rudeza.

149 *P.* Porque he final de chuva imminente o levantar o Asno as Orelhas?

R. Porque he animal muito melancolico, e a humidade do Ar lhas penetra interiormente, e como esta lhe cauze grandes dores nellas, as levanta; o que he indicio de chuva.

150 *P.* Porque naõ tem as Aves Orelhas?

R. Aristoteles diz; que naõ as tem, porque lhes seriaõ embaraço para voar; porèm não parece sua esta reposta, pois os Morcegos voão, e tem Orelhas. A razão parece ser; por-

porque não tem cartilagens, que he a materia de que se fórmão.

151 *P.* Porque tem Orelhas o Morcego?

R. Porque tem muito de terrestre.

152 *P.* Porque tem Orelhas o Grifo, sendo Ave?

R. Porque he Monstro, meyo Leão, e meyo Ave.

153 *P.* Porque cortando-se madeira, ou dando-se golpes em distancia, se ouve primeiro o ecco, que o golpe, de que rezulta?

R. Porque o ecco o fórma o Ar, que como está continuado, e unido ao ouvido, o do meyo se percebe logo: o golpe naõ, porque o seu som está unido à madeira, ou à materia, em que se dão os golpes, e o naõ percebe o ouvido, sem que o avize o ecco.

154 *P.* Porque ha ecco, que repete ou a voz inteira, ou ametade das vozes?

R. Naõ ha ecco; porque o ecco, ou

concavidade dos montes, edifícios, ou valles he adonde ſe repetem eſtas vozes; e he; porque a voz, que ſe dà, a leva o Ar ao concavo, ou occo; e como naõ tem para onde poſſa dilatar-ſe, ſe recolhe toda nelle, e tornando a ſahir a meſma voz com o meſmo Ar, que a levou, repete os meſmos accentos unidos, porque o Ar os naõ pòde rezolver: e aſſim ſe verà, que ſe he grande a concavidade, ou occo, repete o ecco a voz toda, porque recolheo todo o Ar; ſe he pequeno, repete a metade, porque o mais o divertio o Ar ambiente.

155 *P.* Porque ha de ſer concavo, ou occo o lugar, para que a voz repita o ecco?

R. Porque recolhe em ſi a voz com uniaõ, e repreſſaõ do *Ar* no concavo; o que ſuccede, quando ſe falla na boca de huma cuba, ou talha; que reſponde o ecco toda a

voz,

voz, porque se recolhe com o Ar unido, e naõ se desvanece huma só syllaba, do que se falla.

CAPITULO XII.

Da Boca.

156 *P.* PORque temos Boca?

R. Para comer, e beber, e para fallar; porque se purgue o Bofe por ella; porque respiremos; porque se tempere com o Ar, que nella se subtiliza, o fogo do coraçaõ; e porque nella se faz a primeira digestaõ (ainda que disse Avicena, se fazia a segunda.)

157 *P.* Porque temos beiços?

R. Porque cubraõ os dentes, para que os homens naõ pareçaõ feissimos: para que os abriguem, por serem frios por natureza; e tambem para que necessitemos delles para fallar, pois haveria alguns,

que fallariaõ ſempre.

158 *P.* Porque fede a muitos a boca?

R. Porque tem o Bofe enfermo, ou o Figado lezo, ou indigeſto o eſtomago.

159 *P.* Porque quando reſpiramos, recebemos mais eſpiritos do Ar?

R. Porque paſſaõ muitas partes do Ar à nutriçaõ, e eſtaõ de aſſento entre o Bofe: e porque ſe naõ recebèramos o Ar para o Bofe, nos ſuffocàriamos com a reſpiraçaõ.

160 *P.* Porque temos dous olhos, dous ouvidos, e ſómente huma boca?

R. Porque baſta hum Orgão, para o homem ſe ſuſtentar. Para ſer ſabio, neceſſita de muitos; pois naõ he homem o que come, he ſim homem o que ſabe; pois pelos olhos adquire noticias, pelos ouvidos as ſciencias.

161 *P.* Porque ſe abre a boca aos homens?

R. Porque ſe eſtendem as faces para expel-

expellir os vapores craſſos.

162 *P.* Porque ſe abre a Boca ao que eſtà vendo abrir-ſe a outro?

R. Por força da apprehenſaõ.

163 *P.* Porque ſe abre tanto, e tantas vezes a Boca, aos que ſe levantaõ de dormir a ſéſta?

R. Porque o ſomno recolhe os vapores craſſos das faces; e como naõ he o que baſta, naõ os pòde rezolver, por ſerem muitos; e aſſim abrem muitas vezes a Boca.

164 *P.* Porque aquentamos o que eſtà frio, e esfriamos o que eſtà quente com hum meſmo ſopro?

R. Porque o ſopro, que esfria, uza do Ar exterior, que he frio; o que aquenta, uza da reſpiraçaõ, que ſahe quente do eſtomago, e Boca.

CAPITULO XIII.

Dos Dentes.

165 *P.* POrque temos Dentes?

R. Para com elles cortarmos a comida, que ha de paſſar ao eſtomago; porque ſirvaõ de reſguardo, e defenſa à lingoa; e porque com elles ſe fórme a voz.

166 *P.* Porque tem mais dentes os homens, que as mulheres?

R. Porque tem mais calor natural, e melhor ſangue; e porque ſaõ mais perfeitos, que ellas.

167 *P.* Porque ſómente os Dentes tem ſentido de tacto?

R. Porque poſſaõ conhecer o que faz mal ao eſtomago, v.g. o callido, húmido, ſecco, doce, azedo, &c.

168 *P.* Porque nos creſcem os Dentes, e naõ os outros oſſos?

R. Porque ſe gaſtaõ, e ſe conſumiraõ

raõ brevemente, ſe naõ creſceſſem.

169 *P.* Porque renaſcem os Dentes, e naõ os mais oſſos?

R. Porque os Dentes os gera o humido nutrimental, que ſe renova de dia em dia; os outros oſſos ſe geraõ do radical no ventre das mãys, e naõ neceſſitaõ de renovaçaõ.

170 *P.* Porque creſcem mais depreſſa os Dentes, que as prezas?

R. Porque ſaõ mais neceſſarios.

171 *P.* Porque naõ tem Dentes nas gengivas deſima da boca aquelles animaes, que tem còrnos?

R. Porque paſſa a ſer corno, o que havia de ſer dente.

172 *P.* Porque naſcem muitos animaes com dentes?

R. Porque lhes ſaõ neceſſarios tanto que naſcem; e porque he taõ activo o humido radical, que faz na matriz, o que depois havia de fazer o nutrimental; razão porque muitos naſcem com Dentes. O meſmo

mo ſuccede em alguns meninos.

173 *P.* Porque dizem que tem a vida curta, o que tiver os Dentes raros?

R. Porque ſe infere deſta rareza a falta de virtude generante, pois foy taõ debil, e fraca, que lhes naõ póde dar corpo baſtante; e da debilidade inferem, que ha de durar pouco.

174 *P.* Porque naõ tem Dentes as Aves?

R. Porque ſe reduz a bicco, o que havia de ſer Dentes.

CAPITULO XIV.

Da Lingoa.

175 *P.* PORque temos Lingoa?

R. Porque he o inſtrumento, que fórma a voz; porque diſpoem a digeſtaõ da comida, tirando a ſaliva eſpumal do bofe; e porque purga o cerebro, e o eſtomago.

176 *P.* Por-

176 *P.* Porque he tão comprida?

R. Paraque possa limpar os dentes, e lançar a saliva fóra da boca.

177 *P.* Porque a muitas pessoas amarga tudo, o que comem?

R. Porque peccaõ em humor colerico, que chega a Lingoa; e como he tão amargoso, se introduz nos seus pòros, e tudo, quanto passa por ella, toma o amargozo do tal humor.

178 *P.* Porque tem pòros a Lingoa?

R. Porque, como esponja, recolhe as humidades do bofe; e porque sinta a differença de gostos, de manjares, e de bebidas.

179 *P.* Porque quando ouvimos nomear couzas azedas, ou as vemos partir, se cobre a Lingoa de agoa?

R. Porque a virtude da imaginativa, e a apprehensaõ he superior à do gosto; e quando ouvimos fallar em alguma couza, se representa na imaginativa, como em si he; e a mes-

a meſma apprehenſaõ faz mover a Lingoa, e com tanta efficacia, que nos parece, que goſtamos, o que ouvimos, ou vemos, e com a força da efficacia, que concebemos, ſe humedece a Lingoa, e ſe enche de agoa.

180 *P.* Porque ha muitos homens, que torpemente movem a Lingoa, outros velociſſimos, outros gagos, e outros, que naõ pronunciaõ bem?

R. Porque huns tem a Lingoa muito groſſa, e ſaõ tardos no fallar; outros ſaõ velociſſimos, porque a tem delgada; os que tem entorpecidos os nervos, de que pende, ſaõ balbucientes; os que tem nella humidade, e vapores craſſos, naõ pronunciaõ bem.

181 *P.* Porque he a ſaliva deſabrida?

R. Porque ſe tivera ſabor, naõ goſtàra a Lingoa de outro algum, porque tudo tivera o meſmo goſto.

182 *P.* Porque he medicinal a ſaliva em jejum

jejum para chagas, eſpinhas carnaes, inchaços, e outras muitas couzas?

R. Porque eſtà bem digerida, e como he callida, e ſubtil, ſécca, e cauteriza.

183 *P.* Porque mata os bichos?

R. Porque he contraria ao veneno, com que vivem.

184 *P.* Porque tem alguns homens muita ſaliva, e outros muito pouca?

R. Porque eſtes tem muito humor colerico, que ſécca; aquelles muita fleuma, que humedece.

185 *P.* Porque temos ſaliva?

R. Porque com eſta ſe purga o bofe.

186 *P.* Porque naõ tem as Aves ſaliva?

R. Porque o ſeu bofe he ſecco, e enxuto.

187 *P.* Porque naõ fallaõ os Apopleticos?

R. Porque o accidente opilla os nervos, que movem a Lingoa, e os deixa inchados, e ſem movimento.

CAPITULO XV.

Do Goſto.

188 *P.* PORque temos ſentido do Goſto?

R. Para conhecer, e diſtinguir os ſabores.

189 *P.* Porque as fruttas verdes tem Goſto de amargozas, e ſabem as maduras docemente?

R. Porque as verdes tem o humido muito craſſo, que he dezabrido; as maduras ſubtil, que he doce.

190 *P.* Porque goſtamos mais do que he doce, que de outros ſabores?

R. Porque he callido, humido, e amigo da Natureza, e nutre mais, que os outros ſabores.

191 *P.* Porque naõ goſtamos do que he amargozo?

R. Porque offende o Goſto, os nervos, e a lingoa.

192 *P.* Por-

192 *P.* Porque o que he azedo incita o appetite, mais que outro ſabor?

R. Porque he muito frio, e o appetite ſe aviva, e fortalece com o frio.

CAPITULO XVI.

Da Voz.

193 *P.* POrque temos Voz?

R. Para manifeſtarmos os affectos do coraçaõ.

194 *P.* Porque commummente tem os homens a Voz groſſa?

R. Porque tem larga a cana do bofe, e abertas as vias, em que primeiramente ſe fórma.

195 *P.* Porque tem as mulheres Voz de Tiple, ou Contralto?

R. Porque tem apertadas as arterias vocaes, e porque tem apertada a cana do bofe, e recebe pouco Ar, e como he ſubtil, e delgado, aſſim ſahe a Voz. Quando naſcem os homens,

mens, dizem A, que he Voz forte, e groſſa; quando naſcem as mulheres, dizem E; que he Voz branda, e ſubtil.

196 *P.* Porque enrouquecem os homens?

R. Porque as humidades do cerebro enchem o bofe, entorpecem a cana, donde naſce a Voz; pelo que muitas vezes ſe naõ ouvem, os que eſtaõ roucos.

197 *P.* Porque enrouquecem os homens, quando vem hum Lobo?

R. Por eſpecial virtude que a Natureza deu ao Lobo; e porque he ſummamente frio de cerebro, e envia pelo Ar vapores taõ fortes, e craſſos, que apertaõ o peito, e o bofe, e relaxão de tal modo as arterias vocaes, que apenas pòdem lançar a Voz, os que o encontraõ de repente.

198 *P.* Porque tendo todos os homens bofe, cana, e arterias vocaes, naõ tem todos boas Vozes?

R. Por-

R. Porque huns tem muito larga a cana, outros muito apertada, outros muito forte, outros muito ſubtil, e veloz; e outros muito dura, e tardia. Os que tem a cana dura, e tardia, naõ pòdem cantar, os que a tem ſubtil, e veloz, tem Voz de Tiple; os que a tem forte, de Tenor; os que a tem apertada, de Contralto, os que a tem larga, de Contrabaxo: e ſe em alguns he ſolta, e ligeira, ſe fazem gargantas, e quebros, ſe eſtà ligada, ou tardìa, naõ os pòdem fazer.

199 *P.* Porque cantaõ os paſſarinhos pequenos, e naõ os paſſaros grandes?

R. Porque tem os eſpiritos mais ſuaves, e appraziveis, e aſſim ſe movem facilmente a cantar; e porque os grandes ſaõ de rapina, e tratаõ mais de comer, que de cantar, porque tem o orgaõ muito groſſo, e o bico muito bronco.

200 *P.* Porque cantaõ os paſſarinhos, que ſaõ machos, e naõ os que ſaõ femeas?

R. Porque tem zelo, que os obriga a cantar para namorar as femeas?

201 *P.* Porque os moſquitos, cigarras, abelhas, &c. vozeam, e fazem tanto ruido, naõ tendo Voz, nem bofe?

R. Porque tem huma telilha por onde dezafogaõ o eſpirito, que movida, e favorecida do Ar, faz aquelle eſtrondo.

202 *P.* Porque naõ vozeam, nem cantaõ os peixes?

R. Porque naõ tem reſpiraçaõ.

203 *P.* Porque os que tem algum pezar, ou padecem dores, ſulpiraõ, e ſuccede o meſmo aos que ſe enfadaõ.

R. Porque a alma ſe coſtuma veſtir dos affectos do enfadado, e doloroſo; e como ſe diverte nelles, retarda a virtude motiva aos muſculos do peito, e ſe aperta, e affige

o coraçaõ de modo, que o que he reſpiraçaõ natural, apertada com o enfado, ou affliçaõ, rompe com mais força; e ſahe alterada, e inquieta exteriormente.

CAPITULO XVII.

Do Peſcoço.

204 *P.* POrque temos Peſcoço?

R. Porque nelle ſe ſuſtenta a cabeça, e porque ſepare o coraçaõ do cerebro, pois he tão activo o fogo do coraçaõ, que neceſſita de que o modére a frialdade do cerebro; o que naõ ſe praticára, tendo-o mais perto.

205 *P.* Porque tem o Peſcoço taõ groſſos oſſos?

R. Porque une o cerebro com o eſpinhaço, de que recebe a medulla, que he da meſma ſubſtancia, que o cerebro.

206 *P.* Porque, he occo, eſpecialmente aonde naſce a lingoa?

R. Porque o que ſe bebe, e o que ſe come, paſſa por duas vias para o eſtomago, e era precizo, que eſtas tiveſſem baſtante capacidade.

207 *P.* Porque he redonda a arteria vocal?

R. Porque a voz tenha facil movimento.

CAPITULO XVIII.

Dos Hombros.

208 *P.* POrque temos Hombros?

R. Porque delles depende o jogo dos braços; e porque tenha a travação das coſtas occo, e largura.

209 *P.* Porque os Hombros ſoffrem tanto pezo?

R. Porque todos os mais membros os ajudaõ, e favorecem.

210 *P.* Por-

210 *P.* Porque naſcem muitos corcovados?

R. Porque a matriz teve alguma deſtemperança na formaçaõ, e naõ teve actividade, para repartir as coſtas com a ordem commua.

211 *P.* Porque, de dous homens de igual corpulencia, hum carrega com dès arrobas, e outro naõ pòde com huma?

R. Porque a corpulencia não dà força, ſim o exercicio, e o trabalho.

CAPITULO XIX.

Dos Braços, e Mãos.

212 *P.* PORque temos Braços?

R. Porque ſaõ armas de noſſa defenſa, porque ſirvaõ para o trabalho, e porque levaõ o que ſe come à boca.

713 *P.* Porque ſaõ redondos?

R. Porque a fabrica do corpo he redonda; e porque eſtejaõ mais promptos para o ſeu exercicio.

214 *P.* Porque, os que eſtaõ deſconfiados dos Medicos, os deſcobrem?

R. Porque padecem nelles grandes dores, e entendem, que deſte modo as aliviaõ.

215 *P.* Porque a primeira couza, que enfraquece nos enfermos, ſaõ os Braços?

R. Porque a cabeça lhes chupa a virtude, para ſe fortalecer.

216 *P.* Porque tem os homens Mãos?

R. Porque ſaõ o inſtrumento de todas as ſuas operaçoens; e porque ſervem de adorno à fabrica do corpo.

217 *P.* Porque temos cinco dedos em cada Mão, e naõ quatro, dous, ou tres?

R. Porque como ſaõ taõ neceſſarios, ſe hum faltar, ſupraõ os outros; e porque naſcem de ſinco nervos ſeparados. Se tiveſſemos dous,

dous, tres, ou quatro ſómente, ficariaõ os outros nervos ſem exercicio, e com fealdade.

218 *P.* Porque tem os dedos juntas?

R. Paraque ſe poſſ. ó abrir, e cerrar.

219 *P.* Porque ſaó deziguaes?

R. Porque os nervos, de que ſe formão, tambem o ſaó.

220 *P.* Porque os dedos da Mão direita excedem tanto na agilidade aos da Mão eſquerda?

R. Porque o lado direito tem mais calor dominante, que o eſquerdo; e porque trabalhaõ mais, e eſtão mais promptos com o exercicio.

221 *P.* Porque muitos homens ſaõ eſquerdos?

R. Porque tem no lado eſquerdo o calor, que os outros tem no direito, e por iſſo tem mais agil a parte eſquerda: pelo contrario, os que o tem no direito; e por iſſo naõ uzaõ do Braço, ou Mão eſquerda.

222 *P.* Porque ſaõ muitos ambidextros?

Iſto

Isto he : os que uzaõ de ambas as Mãos igualmente.

R. Porque o muito calor se reparte em ambos os Braços.

223 *P.* Porque naõ succedem estas couzas nas mulheres ?

R. Porque quasi todas saõ de compleiçaõ fria, e humida.

224 *P.* Porque temos tantas rayas nas palmas das Mãos ?

R. Porque se vaõ formando, quando se dobraõ.

225 *P.* Porque se conhecem os affectos, e paixoens do animo pelas rayas das Mãos ?

R. Nem se conhecem, nem pòdem conhecer ; porque estes affectos, e paixoens do animo naõ tem connexão com as rayas da Mão : e assim nenhum credito merecem os Chyromanticos.

226 *P.* Porque se conhecem as compleiçoens pelas unhas ?

R. Porque tem correspondencia com

com o coraçaõ; e aſſim, quando ſaõ còradas, moſtrão que a colera he temperada; quando ſaõ negras, moſtraõ compleiçaõ ſanguinea; e quando ſaõ amarellas, a moſtraõ melancolica.

227 *P.* Porque tem muitas vezes as unhas manchas brancas, e outras vezes negras, e tambem algumas vezes negras, e brancas?

R. Porque por ellas ſahe o humor, que predomina; pelo que ſe ſaõ brancas, predomina a fleuma, ſe negras, a colera.

228 *P.* De que ſe gerão as unhas?

R. Dos vapores craſſos, que ſe gerão entre os nervos; e os ſecca, e endurece o calor.

CAPITULO XX.

Dos Peitos.

229 *P.* PORque saõ mayores os Peitos das mulheres, que os dos homens?

R. Porque assim foy precizo, para facilmente administrarem o leite, que nelles se depozita, à creatura.

230 *P.* Porque estão em sima do estomago?

R. Porque recebem de mais perto o calor do coração, paraque converta o menstruo em sangue.

231 *P.* Porque tem as mulheres sómente dous Peitos, e as femeas irracionaes muitos?

R. Porque necessitão delles para crearem os muitos filhos, que parem: as mulheres não, pois rara vez parem mais de dous.

232 *P.* Porque he o leite branco, sendo o san-

o ſangue a materia de que ſe faz?

R. Porque o calor coze, purifica, e faz o ſangue branco; como v. g. o calor que no lambique faz agoa branca de roſas encarnadas.

233 *P.* Porque he melhor o leite de animal negro, que o do branco?

R. Porque os negros tem mais calor, e aſſim o cozem mais.

234 *P.* Porque o alimento mais natural para os meninos he o leite?

R. Porque he o ſeu primeiro alimento, e porque o digerem facilmente.

CAPITULO XXI.

Do Peito.

235 *P.* PORque he occo, e concavo o Peito?

R. Porque o bofe não eſteja opprimido.

236 *P.* Porque tem os homens o peito taõ largo. *R.* Por-

R. Porque he o ſitio do coraçaõ, e o que ſe ama com impulſo natural, ſe encaminha tudo ao coração.

237 *P.* Porque chegamos ao Peito a couza que eſtimamos?

R. Porque he o ſitio aonde ſe occulta o coraçaõ, e a elle encaminhamos tudo o que ſe ama com natural impulſo.

238 *P.* Porque he eſtreito, e apertado o Peito das mulheres?

R. Porque o calor anime a muita humidade, que tem.

239 *P.* Porque os que comem muito paõ, impaõ muito?

R. Porque, como he tão pezado o paõ, a virtude motiva aggrava o Peito; e buſcando a reſpiração dezafogo, ſe fórma o impo.

240 *P.* Porque he redondo o Peito das aves?

R. Porque andão voando, e o ſer redondo lhes facilita o voo.

C A-

CAPITULO XXII.

Das Coſtas.

241 *P.* POrque temos Coſtas?

R. Porque defendão, como eſcudo, o eſtomago, boſe, e coração.

242 *P.* Porque tem os homens as Coſtas largas?

R. Porque ſeguem a proporçaõ do peito, e eſtomago, que ſaõ largos.

243 *P.* Porque he perniciоſo dormir, ou lançar-ſe hum homem de Coſtas?

R. Porque ſe maltrata o cerebro, pois ſobre elle cahem os humores da cabeça.

244 *P.* Porque ſonhaõ grandes dezatinos os que dormem de Coſtas?

R. Porque ſe abre hum nervo da fantezia, que eſtà unido ao cerebro, e ſe relaxa, e offerece tudo o que tem viſto, e ouvido ſem ordem à fantazia.

245 *P.* Por-

245 *P.* Porque morrem os peixes, tanto que lhes quebraõ o eſpinhaço.

R. Porque lhes ſerve o eſpinhaço de coraçaõ, e ferido o coraçaõ, morre todo o animal.

CAPITULO XXIII.

Do Coraçaõ.

246 *P.* PORque temos Coraçaõ?

R. Porque he o principio da vida, e não ſe pòde viver ſem Coraçaõ.

247 *P.* Porque tem os homens o Coraçaõ no lado eſquerdo?

R. Porque modére o frio do baço com o ſeu muito calor, pois he o aſſento da melancolia.

248 *P.* Porque he o primeiro que ſe gera, e que vive, e o ultimo que morre?

R. Porque he o fundamento, e raiz do noſſo ſer natural. O primeiro que

que se gera he huma tela subtil, que o rodèa, e conserva, a qual se ajusta ao modello da matriz; e dentro nella se fórma o Coração do sangue mais subtil: logo se gerão as entranhas do menos subtil; e do mais crasso a medulla, e cerebro.

249 *P.* Porque se move com movimento continuo?

R. Porque o espirito vital, que delle sahe, que he muito mais subtil, que o Ar, enche o occo do assento do Coraçaõ, movendo-se; e o faz mover continuamente, porque tambem he continuo o seu movimento.

250 *P.* Porque he o principio da vida?

R. Porque, confórme diz Santo Agostinho, no livro da differença *Spiritus, & animæ*, se lhe communica o primeiro espirito vital.

251 *P.* Porque he taõ callido?

R. Porque com o seu valor modere o frio do cerebro; e porque como

he de carne solida, conserva mais o calor, que recebe.

252 *P.* Porque he redondo com fórma pyramidal?

R. Porque anima todo o corpo, e por ser assim precizo para o exercicio, que tem.

253 *P.* Porque sómente no Coraçaõ ha sangue por excellencia?

R. Porque está no Coraçaõ, como em seu proprio lugar.

254 *P.* Porque naõ tem sangue as moscas, e alguns animaes?

R. Porque nem tem Coraçaõ, nem figados.

255 *P.* E porque não tem Coraçaõ?

R. Porque a natureza lho supre; como v.g. as enguias, e peixes, que lhes serve a espinha de Coraçaõ.

256 *P.* Porque estando o Coraçaõ no lado esquerdo, se conhece melhor, e com mais certeza o pulso no lado direito?

R. Porque o mayor movimento he aonde

aonde fenece, e naõ aonde principia.

257 *P.* Porque ſendo o movimento do Coraçaõ continuo, e naſcendo delle o eſpirito vital, falta eſta vitalidade aos caducos?

R. Porque ſe gaſta em deſpertar os humores groſſos, que ſe geraõ da velhice, por falta do calor nutrimental, e aſſim ſe rezolve, e apaga.

258 *P.* Porque os animaes, que tem o Coraçaõ pequeno, ſaõ ferozes, e atrevidos; e cobardes os que o tem grande?

R. Porque no Coraçaõ pequeno eſtà mais recolhido, e unido o calor; e o ſangue, que o toca, tambem recebe o calor com mais preſteza: no grande, ſe recebe mais devagar, e ſe diverte por ſer muito exceſſivo; e como ſe esfria, do frio naſce a cobardia.

259 *P.* Porque ſe acha no coraçaõ de alguns animaes hum oſſo?

R. Porque recebeo alguma porçaõ da materia, de que ſe formaõ os oſſos, e a coalha o calor, e fica o tal oſſo animado do Coraçaõ.

CAPITULO XXIV.

Do Boſe.

260 *P.* PORque temos Boſe?

R. Porque modere o calor do coraçaõ com o Ar, que recebe; e lance os humores ſuperfluos do coraçaõ.

261 *P.* Porque lhe chamaõ membro eſpiritual?

R. Porque recebe o eſpirito, e o Ar.

262 *P.* Porque he taõ porozo?

R. Porque poſſa receber o Ar, com que tempèra o coraçaõ, e para expellir os humores ſuperfluos pelos pòros.

263 *P.* Porque tem a carne taõ branca?

R. Porque o calor, e movimento o purgaõ

purgaõ de tudo, o que lhe podia dar outra cor.

264 *P.* Porque naõ tem Bofe alguns animaes?

R. Porque naõ tem coraçaõ.

CAPITULO XXV.

Do Eſtomago.

265 *P.* POrque temos o Eſtomagõ com muita capacidade?

R. Porque he a panella, em que ſe recolhe, e coze o que ſe come.

266 *P.* Porque he redondo?

R. Porque tudo, o que ſe come, eſteja nelle unido, paraque ſe poſſa fazer a digeſtaõ; pois ſe fora quadrado, o que cahiſſe nos angulos, naõ ſe pudera cozer, porque eſtivera fóra do centro do calor; e aſſim eſtariamos enfermos, e ſeria muito curta a noſſa vida.

267 *P.* Porque digere quanto nelle entra?

R. Por cauza do calor predominante, que he tanto, que faz quatro digeſtoens differentes.

268 *P.* Porque o rodea o figado?

R. Para lhe dar calor igualmente.

269 *P.* Porque temos frio, depois que comemos?

R. Porque acode o calor ao eſtomago, para cozer o que ſe comeo, e deixa os membros frios.

270 *P.* Porque naõ he ſaudavel o eſtudar depois de comer?

R. Porque o calor ſe diverte com a imaginativa, e como naõ coze bem, o que ſe comeo, geraõ-ſe humores muitos groſſos, e fleumas, com que ſe atenuaõ as forças, e calor natural.

271 *P.* Porque he nociva ao Eſtomago a carne gorda?

R. Porque tem muita humidade, e naõ a desfaz o calor com facilidade; e porque ſe encrua, pois naõ baixa ao centro do Eſtomago, donde

de se faz a melhor digestaõ.

272 *P.* Porque os rapazes commummente tem fome?

R. Porque tem o calor natural muito vivo; porque digerem facilmente o que comem; e porque saõ callidos, e seccos.

273 *P.* Porque he nocivo o comer fóra das horas costumadas?

R. Porque naõ tendo o Estomago, que digerir, se enche de humores putridos, e como o calor os naõ póde gastar; vencem, e cauzaõ enfermidades.

274 *P.* Porque he danoso o comer muito?

R. Porque se gasta muito o calor natural, que fica sem virtude para animar aos outros membros, e assim ficaõ sogeitos a muitos accidentes; e porque atenuado, falta a saude, e a vida: pelo que, se dilata a vida mais ao que come parcamente; confórme aquelle verso

Esse cupis sanus, sit tibi parca manus,
Pone gulæ metas, ut sit tibi longa ætas.

275 *P.* Porque as carnes grossas saõ boas para o Inverno?

R. Porque o Estomago as digere bem com o calor, que entaõ se recolhe a elle, retirando-se do frio.

276 *P.* Porque he nociva a muita pimenta, e gengivre no que se come?

R. Porque com a sua mordacidade, e viveza accendem o sangue. O que se come não hade ser muito picante, porque accende o sangue; nem muito azedo, porque faz envelhecer; nem muito salgado, porque abraza o figado; nem muito doce, porque fecha as veas.

277 *P.* Porque he proveitoso comer queijo, ou peras, depois que se come o principal?

R. Porque como he taõ pezado o queijo, ou pera, baixa ao profundo Estomago, e attrahe o que se tem comido, paraque naquelle lu-

gar se digira melhor; porèm o queijo deve ser pouco. Assim o diz o verso

Caseus est sanus, si dat avara manus.

As peras tem a mesma efficacia, e como naõ saõ taõ crassas se pòdem comer sobre tudo, o que se come.

278 *P.* Porque he bom comer nozes, depois que se come peixe, assim como he proveitoso o comer queijo, depois que se comeo carne? Assim o diz hum verso.

Post pisces nuces, post carnes caseum manduces.

R. Porque as nozes desfazem a humidade do peixe, porque saõ callidas; e porque muitos peixes saõ venenosos, e a noz he contra veneno. Dos peixes, os melhores saõ dos rios; e para que sejaõ proveitozos, se devem cozer em vinho, e salsa; como diz o verso

Sint cocti vino Pisces cum spetiose lino

279 *P.* Porque os manjares dezuzados saõ

saõ nocivos ao Estomago?

R. Porque se passa de hum, a outro extremo; e naõ hà cousa, que mais maltrate o calor natural.

280 *P.* Porque o Estomago pela parte interior mostra que està enrugado?

R. Porque quando se come muito, se alargue, e se recolha, quando se naõ come.

281 *P.* Porque o Estomago appetece mais o beber, que o comer?

R. Porque a bebida he mais facil de digerir, e ajuda a digestaõ, porque subtiliza a comida; e assim he proveitozo o beber agoa depois que se come.

282 *P.* Porque he proveitoso o cear cedo?

R. Porque se possa dar alguns passos, por serem proveitosos à digestaõ, como diz o verso

Post prandium dormire,
Post cænam mille passus abire.

E a cea deve ser limitada, conforme o verso.

Ex magna cæna Stomacho fit maxima pæna,
Ut sis nocte levis, sit tibi cæna brevis.

283 *P.* Porque he damnoso o beber vinho em jejum?

R. Porque os vapores, que envia à cabeça saõ prejudiciaes ao cerebro.

284 *P.* Porque he damnoso o beber muita agoa fria?

R. Porque embaraça o calor para naõ effeituar bem a digestaõ, e gera muitas humidades.

285 *P.* Porque faz muito damno o vinho novo?

R. Porque he muito indigesto, e assim tambem provoca a fluxo de ventre, e disenteria. O vinho deve ser de anno, claro, pouco, e agoado

Vinum sit clarum, vetus, subtile, maturum,
Ac bene lymphatum, solvens moderamine sumptum.

286 *P.* Por-

286 *P.* Porque depois de jantar ſe naõ deve eſtar de pè, ou andar conforme o verſo

Poſt prandium pauſa, nec eas, nec ſtes ſine cauſa.

R. Porque o que ſe comeo, tenha lugar de baixar ao centro do Eſtomago, e naõ eſteja ſem aprompti-daõ neceſſaria para ſe digerir.

287 *P.* Porque he proveitoſo o paſſear pelas manhãas?

R. Porque com o movimento, e agitaçaõ, ſe aviva o calor natural, ſe adelgaçaõ os humores craſſos, e ſe cozem as ſuperfluidades do Eſtomago.

288 *P.* Porque he o vomito proveitoſo?

R. Porque por elle ſe purga o Eſtomago dos máos humores; os olhos, e cabeça ſe purificaõ; e ſe limpa o cerebro.

CAPITULO XXVI.

Do Sangue.

289 *P.* POrque tem Sangue os animaes?

R. Porque por elle ſe communicaõ os eſpiritos vitaes a todo o corpo.

290 *P.* Porque o animal que tem Sangue, tem figado?

R. Porque, (ſe he como dizem os Medicos,) ſe gera nelle o Sangue; outros dizem, que no coraçaõ, e que o figado ſómente o reparte.

291 *P.* Porque he vermelho o Sangue?

R. Porque toma a cor do membro, aonde ſe gera.

292 *P.* Porque, ſendo as lagrymas Sangue, ſaõ brancas?

R. Porque ſe purificaõ pelas vias por onde paſſaõ, que ſaõ muito ſubtis, e apertadas.

293 *P.* Porque muitos choraõ lagrymas de Sangue?

R. Por-

R. Porque saõ muito colericos, e à ſcolera lhes abre as vias com o calor, e como lhes naõ dà tempo para ſe purificarem, ſahem como verdadeiramente saõ.

294 *P.* Porque o figado reparte o Sangue?

R. Porque ſe o naõ repartira, elle, e o coraçaõ ſe ſuffocàraõ.

295 *P.* Por donde o reparte?

R. Pelas veas Hepatica, Cephalica, e Mediana.

296 *P.* Porque muitos lançaõ o Sangue pelos narizes, e naõ pela boca?

R. Porque peccaõ em muito humor colerico, e a colera ſe purga pelos narizes, a fleuma pela boca.

297 *P.* Porque ſe deſmayaõ os que lançaõ muito Sangue?

R. Porque ſe altera o que eſtà junto ao coraçaõ, e ſe ſuſpendem os movimentos do corpo.

298 *P.* Porque ſe deſmayaõ alguns, quando os ſangraõ, e outros quando vem ſangrar? *R.* Os

R. Os primeiros ſe deſmayaõ por covardia; os ſegundos por apprehenſaõ.

299 *P.* Porque morrem os que lançaõ todo o Sangue do corpo?

R. Porque, como muitos dizem, a vida eſtà no Sangue, e faltando eſte, falta a vida: e porque o eſpirito vital, que move o coraçaõ, he animado pelo Sangue, e faltando o eſpirito vital, ceſſaõ os movimentos, e com elles a vida.

300 *P.* Porque, ſendo o Sangue natural, o muito ſuffocca, e naõ ſuffocca o muito calor natural?

R. Porque o muito Sangue impede os movimentos, e a liberdade dos eſpiritos vitaes, enchendo todos os vacuos, e vias por onde paſſaõ: o calor natural, ainda que ſeja exceſſivo, como he ſubtil, o refreſca, e dezafoga a reſpiraçaõ, ſem lhe impedir as ſuas vias.

CAPITULO XXVII.

Do Fel.

301 *P.* PORque tem Fel os animaes?
R. Porque nelle ſe recolhe o humor colerico; porque fortalece as entranhas; e porque recebe as ſuperfluidades do figado.

302 *P.* Porque naõ tem Fel o cavallo, o macho, o aſno, o corvo, a pomba, &c?
R. Porque ſe rezolve no humor colerico, que tem. Muitos dizem, que tem Fel, mas que eſtà repartido em algumas veas pequenas; e naõ em a telilha, aonde o tem os outros animaes.

303 *P.* Porque he o Fel amargoſo?
R. Porque he como quinta eſſencia da colera.

304 *P.* Porque ſendo a colera taõ acre, naõ rompe a telilha, em que ſe depoſita o Fel.

R. Por-

R. Porque se cria com a colera, e se veste da sua mesma qualidade.

305 *P.* Porque nasce a tiricia do Fel?

R. Porque se fecha a telilha, e o humor, que nella havia de entrar, se mistura com o sangue, e se espalha pelo corpo.

306 *P.* Porque os que tem o mal de tiricia, apparecem amarellos?

R. Porque o humor predominante he amarello, que he o do Fel.

CAPITULO XVIII.

Do Baço.

307 *P.* POrque temos Baço?

R. Porque nelle se recolhe o humor melancolico; e porque recebe as superfluidades das entranhas.

308 *P.* Porque saõ delgados os que tem muito Baço, e gordos, os que tem pouco?

R. Porque o muito recolhe a humidade, que gera a gordura; o pouco não a póde recolher, e ſe converte em gordura.

309 *P.* Porque ſaõ pezados os que tem muito Baço, e ligeiros, os que tem pouco.

R. Porque o muito Baço retarda a reſpiração, e por eſta cauza he pezado, e tardio o movimento; o pouco a aviva, e por iſſo he mais ligeiro.

310 *P.* Porque he exceſſivo o rizo dos homens, que tem muito Baço?

R. Porque em ſi recolhe ſe he muito a melancolia toda, que he a que produz a triſteza, e a rezolve; porque deixa o calor bem temperado, e o coraçaõ envia os eſpiritos vitaes puros, e limpos ao cerebro, que movem a fantaſia com alegria, e logo o rizo. Diz S. Izidoro; que fallamos com o Boſe, queremos com as entranhas, goſtamos

mos com o coraçaõ, enfadamo-nos com o fel, e que rimos com o Baço.

Cor ſapit, & pulmo loquitur, fel commovet iram,
Splen ridere facit, cogit amare jecur.

CAPITULO XXIX.

Do Figado.

311 *P.* POrque temos Figado?

R. Para repartir o ſangue, que nelle ſe fabrica, a todos os membros.

312 *P.* Porque, aos que tem leſo, e enfermo o Figado, lhes cheira mal a boca?

R. Porque os eſpiritos que eſtaõ juntos ao Figado, ſaõ muito ſubtis, e facilmente ſe corrompem com qualquer accidente, e movidos pela reſpiraçaõ, ſobem à boca. Alguns ſaõ de tal modo peſtilenciaes, que os ſente o olfatto em grande diſtancia.

313 *P.* Porque naõ tem mào cheiro na boca, os que tem o Figado temperado?

R. Pela razaõ contraria; e porque temperado o Figado, todos os humores ſe temperaõ, ſubtilizaõſe os eſpiritos vitaes, ſahem limpos, e puros, e de bom cheiro. Pois eſte provem da temperança, e da deſtemperança o fedor.

314 *P.* Porque dizem, que os homens valentes tem muitos Figados?

R. Porque os que tem grandes Figados tem coraçaõ pequeno, e todo o animal de pequeno coraçaõ he valente.

CAPITULO XXX.

Do Sono.

315 *P.* PORque dormem todos os animaes?

R. Porque he impoſſivel viver ſem dormir,

dormir, e dormem para viver.

316 *P.* Porque lendo, depois de comer, ſe concilia facilmente o Somno?

R. Porque o calor ſe recolhe ao eſtomago, para a digeſtaõ da comida, e a força da imaginativa leva, e attrahe os vapores craſſos à cabeça, e juntos com os do cerebro, humedecem, e provaõ o Somno.

317 *P.* Potque os que trabalhaõ muito dormem muito, e bem?

R. Porque com a agitaçaõ dos membros ſe reparte o calor natural, e recolhido ao eſtomago, como he activo, efficaz, e ſubtil, cozeo que nelle acha, e excita muitos, que ſobem com o exercicio ao cerebro, e conciliaõ o Sono. Dormem bem, porque todos os membros deſcançaõ do trabalho; e aſſim naõ deſcança bem, o que ſe naõ canſa bem.

318 *P.* Porque os que dormem muito tem pouca ſaude, e andaõ desfigurados?

R. Porque o Sono recolhe muitas humidades, que costuma expellir a vigilia. O que dorme muito tem muitas mais, e como as naõ gasta ficaõ no estomago, sobem à cabeça, e a offendem; e tiraõ juntamente a cor ao rosto.

319 *P.* Porque naõ dormem os freneticos, e loucos?

R. Porque o accidente lhes rouba toda a humidade do cerebro, e o secca; e em faltando a humidade, falta o Somno.

320 *P.* Porque quando dormimos, se nos reprezentaõ algumas cousas, como se verdadeiramente succedessem?

R. Porque como temos na fantasia, e memoria o que vimos, as fortalecem os espiritos animaes com muita efficacia, e viveza; por naõ terem outro membro, a quem acudaõ; pois os outros dormem, e descançaõ, e assim lhes offerecem

as

as imagens com viva reprezentaçaõ, e cada huma em ſeu lugar.

321 *P.* Porque os que dormem de cerebro, ſonhaõ grandes dezatinos?

R. Porque nelle eſtà a memoria, e com o calor do Sono ſe agitaõ os eſpiritos animaes, entraõ nella, e a alteraõ, e movem; e como tem o que vimos, a alteraçaõ, e calor movem as imagens ſem ordem, e ſem concerto, e aſſim ſe repreſentaõ.

322 *P.* Porque ſonhaõ alguns os ſucceſſos com ordem, e concerto?

R. Porque tem a fantazia ſoccegada, e o ſoccego provèm de que os humores eſtaõ temperados, e naõ ſaõ muitos, nem groſſos; e como naõ ſe altera, offerece com ordem, e concerto tudo, o que tem.

323 *P.* Porque ſonhaõ muitos, o que lhe ha de ſucceder?

R. Porque commummente ſonhamos, o qne cuidamos; e eſpecial-

mente aquillo que anda na consideraçaõ, e como todos discorrem com viva efficacia, o que lhes pòde succeder, assim o sonha muitas vezes. He porèm acazo o representar-se no sonho o successo futuro; porque a força do sonho sómente obra na reprezentaõ.

324 *P.* Porque sonhavaõ os Padres antiguos taõ superiores Mysterios?

R. Naõ tem aqui lugar esta pergunta, porque pertence ao dom de Profecia, e naõ a Filosofia.

CAPITULO XXXI.

Da Terra.

325 *P.* PORque naõ he igual a superficie da Terra?

R. Porque os Montes, e Valles pertencem a ordem de sua fermozura; como v. gr. à do homem as orelhas, narizes, braços, &c.

326 *P.* Por-

326 *P.* Porque ha Terras exceſſivamente callidas, e outras frias exceſſivamente?

R. Porque humas eſtaõ muito chegadas ao Sol, e outras muito apartadas.

327 *P.* Porque ha tanta differença de cores na Terra; como v.g. vermelha, verde, roxa, azul, &c. ſendo a ſua cor natural parda?

R. Porque a humidade, que tem, lhe dà a cor; e os rayos do Sol a chupaõ, e enchugaõ: à branca, lhe chupa toda a humidade; e aſſim he callida toda a Terra branca. O meſmo ſuccede com as mais, pois, conforme a humidade que tem, e o que chupaõ, e enchugaõ os rayos do Sol, aſſim he a ſua cor. Nos mineraes da Terra ſe vè tambem o meſmo; pois huns ſaõ fortes, e denſos como penhas, outros brandos, e ſoltos; e he; porque huns tem mais humidade, que outros; e tam-

tambem, pela differença da qualidade da meſma Terra, tem differentes cores.

328 *P.* Porque gerando o Sol ouro, e prata da Terra, não ha mineraes de hum, e outro metal em toda a parte?

R. Porque nem toda a Terra tem as diſpoſiçoens neceſſarias para que o Sol produza della eſtes metaes; porque ha de ſer muito generoſa, e nobre, e nem toda o he, nem o póde ſer.

329 *P.* Porque reduzindo-ſe a Terra tudo o que he de Terra, ſendo Terra o ouro, e prata, ainda que ſe reduzaõ a pó, nunca tornaõ a ſer Terra?

R. Porque os homens, animaes, e plantas conſervaõ a humidade, para ſe conſervarem, que he hum dos quatro humores, de que ſe compoem, e como a humidade he terrea, predomina em a corrupçaõ,

e os reduz a Terra, e se os queimão a cinza; porque o fogo lhes chupa toda a humidade. Não tem o ouro, e a prata humidade intrinseca, porque lha tiraõ toda o fogo, e o crisol; e por isso saõ metaes generosissimos; e naõ tem disposiçaõ para se reduzir a Terra.

330 *P.* Porque o ferro se come da ferrugem, e se reduz facilmente a terra sendo metal?

R. Porque tem muita humidade, e o fogo naõ a pòde rezolver, ainda que o caldee muitas noutes, e dias; pois tem muitos poros, e facilmente recebe por elles qualquer humidade. O cobre, estanho, chumbo, bronze, e folha de Flandes se reduzem tambem a terra pela mesma razaõ, e porque naõ saõ metaes generozos.

CAPITULO XXXII.

Do Ar.

331 *P.* PORque, o que naõ he agoa, fogo, e terra, o occupa o Ar?

R. Porque naõ haja vacuo na natureza.

332 *P.* Porque he taõ delgado, e ſubtil?

R. Porque poſſa penetrar para occupar o vacuo.

333 *P.* Porque o meſmo Ar accende huma tocha apagada de pouco tempo, e apaga a que eſtà acceza.

R. Porque a que eſtà apagada de pouco tempo conſerva o pavio em braza, e como o Ar une o calor, que eſtà repartido nelle, torna a deſpertar-ſe a chamma: a que eſtà acceza ſe apaga, porque a força do Ar he mais ſuperior, que a da chamma; porque o Ar he muito, e a chamma pouca, e aſſim facilmente a rezolve.

334 *P.* Por-

334 *P.* Porque ainda que o vento seja grande naõ apaga huma fogueira, antes a aviva, e accende?

R. Porque he mais a chamma que o Ar; e porque encontra o fogo unido, e se reparte o vento, pelo que, repartido, naõ tem força, nem violencia para a poder apagar; antes a aviva, e accende mais, porque une as partes do fogo, e o obriga a tomar corpo mayor.

335 *P.* Porque abertas duas janellas, ou portas em correspondencia, sopra o Ar com mayor força; o que naõ succede, estando sómente aberta huma?

R. Porque como está cheyo do Ar o passo intermedio, tendo correspondencia, entra, e sahe; e por cauza desta agitaçaõ se irrita, e sopra; o que naõ succede, se huma está fechada.

336 *P.* Porque no Inverno saõ fortes os ventos, e no Veraõ muitas as calmas?

R. Por-

R. Porque no Inverno ha muita humidade, que he a que fomenta o vento, o Veraõ todo he ſeccura.

337 *P.* Porque ſempre he frio o Norte, e o Sul quente?

R. Porque tomaõ a qualidade da Regiaõ por donde paſſaõ, e a do Norte he fria, a do Sul quente.

338 *P.* Porque o muito fogo queima, a muita terra mata, a muita agoa affoga, e o muito Ar nem affoga, nem mata, nem queima?

R. Porque como he taõ ſubtil, entra, e ſahe facilmente, e naõ fecha os orgaons, nem as vias, como a agoa, e a terra; nem rezolve, como o fogo, queimando.

339 *P.* Porque muitos ficaõ tolhidos do Ar?

R. O Ar naõ tolhe, tolhe a peſtilencia, e contagio, que traz conſigo; e como he taõ ſubtil, penetra facilmente os membros, e aſſim obra com tanta efficacia, e preſteza.

340 *P.* Por-

340 *P.* Porque o meſmo Ar peſtilencial tocando a muitos faz a ſua impreſſaõ em huns, e em outros naõ?

R. Porque encontrou em huns diſpoſiçaõ, em outros reſiſtencia.

341 *P.* Porque ſendo o vento Norte frio, queima, e faz eſpigar as hortaliças?

R. Porque as penetra, e traſpaſſa as raizes com a ſubtileza, e frialdade, e como ficaõ com alguma humidade, he tallo, o que havia de ſer folhas. Seccaõ-ſe, ou queimaõ-ſe, porque o muito frio lhes tira o calor, que com o Norte ſe irrita, e abraza.

342 *P.* Porque no Veraõ, eſtando quente todo o Ar intermedio, ſe colhe vento freſco com o uzo dos leques.

R. Porque o Ar ambiente do roſto tem dous calores, o do Ar, e o do roſto; o leque aparta o Ar ambiente, e como traz novo Ar, ainda que

que esteja quente, parece fresco, porque he muito, e porque naõ està taõ callido, como o ambiente.

343 *P.* Porque sopra o Ar com tanta violencia, que passa pela parte mais estreita, e vem encanado?

R. Porque se augmenta, une, e irrita com a estreiteza, por donde passa, e sopra com a irritaçaõ.

CAPITULO XXXIII.

Da Agoa.

344 *P.* POrque he salgada a Agoa do Mar, e doce a dos Rios, sahindo todos do Mar?

R. Porque he muita; grossa, e naõ he corrente, he salgada a Agoa do Mar e salobre a dos poços: he doce a dos Rios, e fontes porque a purificaõ as veas por donde passaõ, a adelgassaõ, e subtilizaõ, e toda a Agoa delgada he doce, e salobre a grossa.

345 *P.* Por-

345 *P.* Porque he fria a Agoa dos poços no Veraõ, e quente no Inverno?

R. Porque o calor do Verão retira o Ar frio ao centro, e como eſtaõ os poços, aſſim eſtà a Agoa. No Inverno o frio retira o calor ao centro, e o aquenta, e tudo o que nelle eſtà recebe o calor.

346 *P.* Porque ſendo o movimento cauza do calor, ſe esfria a Agoa nas catimploras com o movimento da neve?

R. Porque o movimento deſfaz a neve, que naturalmente esfria, e como o frio da neve he ſuperior ao calor do movimento, vencido o calor, esfria a neve a Agoa.

347 *P.* Porque a Agoa fria naõ ſe gela taõ depreſſa como a quente?

R. Porque a Agoa quente eſtà mais delgada, e ſubtil; pois o calor a purifica, e o frio a penetra mais depreſſa.

348 *P.* Porque quando eſtà no lume

hum caldeiraõ de Agoa; a que eſtà em ſima he quente, e a que eſtà no fundo he fria?

R. Porque a que ſubtiliza o fogo, ſobe naturalmente aſima, e no fundo fica a mais groſſa, que he a fria; e porque, com o pelejaõ dous contrarios, ſe une, e recolhe no fundo a mais fria, quando o fogo eſtà batalhando.

349 *P.* Porque he melhor a Agoa que eſtà ao Sol, e ao vento, que a que eſtà à ſombra?

R. Porque o Sol a purifica, e o Ar a adelgaſſa, e adquire nobre, e generoza propriedade.

350 *P.* Porque a Agoa cozida he taõ medicinal, e ſaudavel?

R. Porque com o fogo ſe lhe tira o terreſte, ſe a limpa da humidade, e fica tão ſubtil, que penetra, favorece, e conſome o terreo, e o ſuperfluo.

351 *P.* Porque a Agoa morna he boa para

para as verrugas, inchaſſos, chagas velhas, &c.

R. Pela meſma razaõ, e porque com a temperança do calor a limpa, e enchuga.

352 *P.* Porque muitas Agoas de Rios, ou fontes, humas ſaõ delgadas, outras groſſas, outras doces, outras ſalobres, e outras de differentes cores?

R. Humas ſaõ delgadas, porque vem batidas, e paſſaõ por vias apertadas, a donde ſe ſubtilizaõ; outras ſaõ groſſas, porque as vias por donde paſſaõ ſaõ largas, e não ſe pòdem ſubtilizar, e por iſſo ſaõ tambem ſalobres. As cores tomão dos mineraes, por donde paſſaõ; e não ſaõ eſtas boas, porque a Agoa não ha de ter cor, cheiro, nem ſabor para que ſeja boa.

353 *P.* Porque alguns olhos de Agoa eſtão ſempre fervendo, e a Agoa, ſahe abrazando, e queimando tudo o que encontra?

R. Porque ſahe de mineraes de enxofre, que he fogo vivo, ou de pedra Hume.

354 *P.* Porque ſendo natural em a Agoa o baixar, e não o ſubir, ſobem tão altos os conductos em algumas fontes?

R. Porque o ſubir lhe he violento.

355 *P.* Porque a Agoa, que chove por Mayo he melhor para beber, e para nos lavar?

R. Porque como he meyo do anno eſtà mais temperado, os vapores ſaõ mais ſubtìs, e cahe mais delgada, e criſtallina.

356 *P.* Porque a Agoa das lagoas he pernicioza?

R. Porque eſtà empoçada, e tomando muito da terra, ſe une, e ſe faz groſſa, e ſalobre, e a Agoa groſſa, e ſalobre he muito enferma.

357 *P.* Porque o que bebe muita Agoa ſe faz Hydropico, e raramente ſe faz Hydropico o que bebe muito vinho? *R.* Por-

R. Porque ainda que o vinho hᵉ humido, tambem he ſecco, e reſolve : a Agoa naõ faz o meſmo, porque he humida, e fria, e bebendo muita, os humores ſe engroſſaõ, e não ſe pòdem expellir facilmente, e aſſim opilão as veas, o baço, e a boca do ventre.

358 *P.* Porque o Hydropico quanta mais Agoa bebe, quanta mais ſede tem?

R. Porque he ſalobre o humor predominante, gèrado dos humores groſſos, e a Agoa o irrita, e com eſta irritação ſe ſecca a boca do ventre, de que naſce a ſede; e como ſe irrita mais bebendo muito, ſempre tem mais ſede.

359 *P.* Porque ha Agoa que accende huma tocha apagada, e apaga a que eſtà acceza?

R. Porque tem para iſſo virtude eſpecial, que não alcanção as Regras Filoſoficas; o que ſuccede em ou-

tras muitas, que tem virtude prodigiozas, as quaes se conhecem pelos effeitos, porèm as cauzas sómente as sabe a Divina Providencia.

CAPITULO XXXIV.

Do Fogo.

360 *P.* POrque o Fogo; abrazando hum páo, o reduz a negro carvão; e se abraza hum osso, ou huma pedra, a reduz a carvão branco?

R. Porque o páo tem muita humidade, e o Fogo a não rezolve toda quando fica carvão, e quando a pòde rezolver, a reduz a cinza; e ficando com humidade, se reconcentra o fumo com o Fogo, e o deixa negro. A pedra, e osso tem muito pouca humidade, consome-a o Fogo, e o calor, que os havia

via de gastar, lhes dà a brancura.

361 *P.* Porque esfregando-se dous páos seccos hum com o outro, tirão Fogo?

R. Porque rezolve a pouca humidade que tem a agitação; e como o Ar aqueçe, se une o ambiente com a secura, vence o calor, e se accende.

362 *P.* Porque despede Fogo a pedra ferida?

R. Porque he secca, e callida, e o golpe a atenùa, e accende o Fogo, que tem naturalmente, e apreciza a expellir as chammas.

363 *P.* Porque sendo o Fogo natural no coração, o Fogo da febre nos enferma, e mata?

R. Porque não he natural; e porque destempera o outro calor, e os humores; e tambem, porque sendo muito impede os movimentos, e rezolve o humido radical.

364 *P.* Porque accende Fogo o rayo do

Sol que paſſa por hum criſtal, ou vidro?

R. Porque o vidro, ou criſtal recolhem todo o Fogo do rayo do Sol, e o unem (e não ſe unindo, ainda que paſſe por muitos criſtaes, não accende) e unido, ſe incorpora no criſtal, accende o Ar ambiente, e queima, o que encontra, ſendo materia diſpoſta, v.g. pano, iſca, &c.

365 *P.* Porque o Fogo das forjas ſe actua, e aviva lançando-lhe Agoa, quando eſta o coſtuma apagar?

R. Porque o Fogo he muito, e agoa pouca; e porque he contraria, o aviva, batalha, atè que o Fogo a rezolve.

366 *P.* Porque abraza as Almas o Fogo do Purgatorio, ſendo Eſpiritos incapazes deſtas, e outras impreſſoens?

R. Que abraza aos Eſpiritos, não neceſſita de provas, quando ha tantas; o modo como abraza, he

taõ

taõ maravilhoſo, que he ineffavel, em doutrina de Santo Agoſtinho, e Santo Thomaz: diſcorrendo porèm filozoficamente dizem; que aſſim como as Almas padecem nos corpos afflicçoens, e penas; tambem com o corpo do Fogo padecem o incendio, para que ſe purifiquem. Muito padecem, e neceſſitão de muitos ſuffragios.

CAPITULO XXXV.

De varias couzas.

367 *P.* POrque nos primeiros oito dias não alimentão os corvos a ſeus filhos?

R. Porque entendem que não ſaõ ſeus filhos, por terem as pennas brancas, tendo-as elles negras.

368 *P.* Porque não morrem, faltandolhes o alimento em tantos dias?

R. Porque os ſuſtenta Deos com o orva-

o orvalho do Ceo.

369 *P.* Porque saõ venenozas as lingoas das serpentes, e dos caens danados?

R. As das serpentes saõ venenozas, porque tem o veneno na boca, e com as lingoas o arrojaõ. As dos caens danados, porque o contagio lhes vem à boca, e à lingoa.

370 *P.* Porque he medicinal a lingoa do cão, e nociva a do cavallo?

R. Porque a do cão he muito poroza, e attrahe as viscozidades das chagas, e como he callida, e secca enchuga, e cauteriza; a do cavallo pelo contrario.

371 *P.* Porque hum páo, direito metido nas agoas parece torto?

R. Porque naõ o vemos em si, mas nas agoas, e como estas com o movimento se curvaõ, assim vemos nellas o páo.

372 *P.* Porque o azeite mata facilmente as moscas, abelhas, e vespas?

R. Porque estes animaesinhos tem a res-

a reſpiração muito apertada, e o azeite a ſuffocca, e penetra.

373 *P.* Porque as carnes poſtas à Lua cheya ſe corrompem?

R. Porque o Ar humido, e quente as penetra, e traſpaſſa. A Lua nova he humida, e fria. O Quarto creſcente callido, e ſecco. A Lua cheya humida, e callida. O Quarto mingoante ſecco, e frio.

374 *P.* Porque padecem os caens, e lobos o mal de raiva.

R. Porque ſaõ callidos, e ſeccos, e o calor rezolve a pouca humidade, que tem, e atrazadas as entranhas, e apeſtadas arrojaõ o veneno pela boca, e pela lingoa; e tambem porque o caõ celeſte lhes influe calor, e ſeccura.

375 *P.* Porque o Sol faz negro ao homem branco; e ao linho pardo, branco?

R. Porque he cauza univerſal, e em ſi contèm a virtude das cauzas ſegundas;

gundas; e porque no homem aquenta o ſangue, e a humidade, e não a rezolve, lhe abraza a cutis, e o deixa moreno; no linho porèm chupa, e rezolve a humidade ſalitroza, que lhe dava a cor parda, e o deixa branco. O meſmo ſuccede com a cera amarella, que a faz branca, porque lhe enchuga, e rezolve a humidade que lhe dava a cor, e a deixa branca.

376 *P.* Porque o Sol endurece o barro, e abranda a cera?

R. Porque a humidade faz a cera dura, e rezolvida eſta, entra o calor, e a deixa branda. O barro pelo contrario, pois a humidade o abranda, e rezolvida eſta, entra o calor, e a endurece.

377 *P.* Porque a palha conſerva o quente, e o frio ſendo qualidades contrarias?

R. Porque naõ tem qualidade, e recebe aquella, a que ſe arrima.

378 *P.* Por-

378 *P.* Porque quando gela vemos as Eſtrellas mais claras, e reſplandecentes?

R. Porque o Ar eſtà mais ſubtil, e delgado com o frio.

379 *P.* Porque os que eſtão cheyos de vinho cahem, e não ſe pòdem ſuſtentar nos pès?

R. Porque os muitos vapores do vinho turbão os eſpiritos animaes do cerebro, e como eſtes animão o movimento dos membros, com a tal perturbação ceſſaõ do ſeu movimento, e cahe o corpo, como hum tronco.

380 *P.* Porque ſe não miſtura o azeite com agoa, ou vinho ſendo liquidos, do modo como ſe une a agoa, e vinho?

R. Porque eſtà muito unido entre ſi, e nem a agoa, nem o vinho o pòdem penetrar.

381 *P.* Porque bebendo-ſe azeite, provoca a vomito?

R. Por-

R. Porque penetra, aggrava, e move o eſtomago, irritando a colera.

382 *P.* Porque tudo, o que he liquido, ſe gela pelo tempo de Inverno, e o vinagre não?

R. Porque tem as partes tão ſubtis, que as não póde unir, nem vencer o gelo. Nos mais liquores as une, e por iſſo as gela.

383 *P.* Porque nos vemos nas agoas, eſpelhos, e em outras materias denſas, e burnidas; e nos naõ vemos na madeira, e pedras?

R. Porque a agoa, o eſpelho, e a materia burnida tem reflexo, porque tem os poros direitos, e aſſim recolhe a viſta, e torna a ella o reflexo; e como nelle ſe repreſenta a figura a torna a viſta, como ſe repreſenta: as outras materias naõ tem reflexo, porque tem atraveſſados, e encontrados os poros.

384 *P.* Porque naõ parem as mulas?

R. Porque tem a matriz relaxada, e fria;

e fria; pelo que rezolve a materia generante.

385 *P.* Porque o frio no Outono he mais damnoſo, que na Primavera?

R. Porque no Outono ſahimos do calor do Veraõ, e paſſamos de extremo a extremo, ſe o tempo de repente he frio.

386 *P.* Porque tiraõ as formigas as pontas do trigo, e da cevada, quando encerraõ eſtes generos?

R. Porque com a humidade da terra grellariaõ, e naõ lhes preſtariaõ: pelo que a Divina Providencia lhes deu conhecimento, para antes, que recolhão eſtes generos, lhes tirarem as pontas.

387 *P.* Porque os rabãos, e queijo ſendo indigeſtos, ajudaõ a digeſtaõ?

R. Porque a pelle do rabão he callida, e fria a medulla, e eſta ſe naõ digere facilmente, porèm aquella ajuda a digerir com o calor. O queijo naõ ſe digere por ſer groſſo,

e pe-

e pezado, e porque leva a comida ao centro do eſtomago tambem ajuda a digeſtaõ.

388 *P.* Porque he mais ſaboroza a carne, que eſtà junto ao oſſo?

R. Porque toda a carne he humida, e callida; e a que eſtà junto ao oſſo, pelo que delle participa, he ſecca, e mais goſtoza, porque tem menos humidade.

389 *P.* Porque não queimão a moſtarda, e pimenta, eſtando os grãos inteiros?

R. Porque tem dentro a virtude; e para eſtas a poderem diffundir, ſe moem, para mais facilmente penetrarem.

390 *P.* Porque tudo o que ſe lança na agoa parece mayor, do que na verdade he?

R. Porque toma, ao noſſo parecer, mais corpo com a vezinhança da agoa; que como he taõ ſubtil ſe lhe une, e toma a ſua cor, toda a que o rodea.

391 *P.* Por-

391 *P.* Porque a lingoa do que tem bebido muito vinho eſtà de tal modo entorpecida, que nem pòde fallar, nem pronunciar bem?

R. Porque como he tão poroza, recebe a humidade do vinho, e ſe engroſſa: e porque com o entorpecimento do corpo, que occaſiona o vinho, ſe afflige a alma, e ſe entorpece a lingoa; como v.g. os que tem muito medo, que, por cauſa da alteração, não pòdem fallar.

392 *P.* Porque he mais proveitozo beber pouco, e muitas vezes quando ſe come, que beber ſómente por huma vez?

R. Porque bebendo pouco ſe incorpora melhor a bebida com o manjar, ſe ſutiliza, e faz boa digeſtaõ.

393 *P.* Porque cahem os que andão com preſſa, e não, os que andão devagar?

R. Porque o que caminha depreſſa,

levanta hum pè, antes que aſſente o outro bem, e ao lançar o paſſo, muitas vezes ſuccede ficar em vazio, e cahir forçozamente. O que caminha devagar, aſſenta bem hum pè, antes que levante outro, e aſſim caminha mais ſeguro.

394 *P.* Porque naõ tem máo cheiro o ſuor da cara, e fede tanto o do corpo, e o dos pès?

R. Porque ſaõ faceis os poros da cara; e ſahe o ſuor ſem ſe deter. No corpo, e pès, ſe detem, aqueſſe, e apodrece, e por iſſo fede.

395 *P.* Porque ſuamos copiozamente na teſta, e cara, e naõ tanto nas mais partes do corpo?

R. Porque, como o calor he ſubtil, ſobe à cabeça o que eſtà por todo o corpo, aquenta-a, abre os poros, e expelle o ſuor: e porque a cabeça he humidiſſima, e por elle rezolve a humidade.

396 *P.* Porque ceſſa o comichaõ ao que tem

tem ſarna, quando ſe coſſa?

R. Porque evapora a ventozidade encerrada, que he a que cauza o comichaõ.

397 *P.* Porque, o que eſpirra muito, eſfregando os olhos, naõ continua nos eſpirros?

R. Porque o eſpirro procede da humidade, que pica no nariz, e eſfregando-ſe os olhos, que eſtáo viſinhos, ſe diverte a humidade, e o eſpirro.

398 *P.* Porque os Abutres tem. olfato tão ſubtil, que alcanção com elle couzas diſtantes, ainda por muitas leguas?

R. Porque tem o cerebro callido, e ſecco; e o olfato ſe anima com a ſeccura.

399 *P.* Porque, ſendo a morte natural a todos os homens, ſentimos eſta com tanto horror; e naõ ſentimos tanto as demais acçoens naturaes?

R. Porque ſe encaminha a ſeparar a

vida do corpo, que he o mais amavel, e a destruir o sugeito; o que naõ fazem as outras acçoens naturaes; que se o fizessem, tambem lhes teriamos o mesmo horror.

CONSIDERAÇOENS POLITICAS, E MORAES

Extrahidas de alguns dos Problemas antecedentes.

LIVRO II.

CONSIDERAÇAÕ

Sobre o Problema I.

POrque nasce o homem nù?

Nascemos innocentes, e o vestido não se fez para a innocencia. Para castigo da nossa culpa se cortou; e a nossa barbara malicia faz delle gala. Na Ley Natural a pelle de hum brúto era adorno

adorno decente para o corpo; e agora contra a Ley, e contra a Natureza deſpem huns homens aos outros, para ſe veſtirem; e ainda não contentes lhes tirão o ſangue, para tingir as purpuras. Todo o alinho do corpo coſtuma ſer dezalinho da alma. As galas tem poſtrado mais honeſtidades, e recatos, que a malicia. Pouco cuida da ſua alma, quem muito cuida do ſeu corpo. O trage mais cuſtozo para o corpo, he mais cuſtozo para a alma. Que horror! Que ſe diſpão as almas da tela immortal da graça, por veſtir o corpo de tela! Mas que deſgraça! Naõ a pòde haver mayor, que a offenſa de Deos. Os trajes deſterraram a Juſtiça. Eſcandalo ſomos de todas as Naçoens, porque com os trajes nos communicaram os ſeus vicios. Naſce o homem para o Ceo, e por iſſo naſce nù. Oh queira Deos, que lhe não ſirvam de impedimento as galas! Para entrar no Paraizo deixou Elias a capa a Elizeo. Não encontrou a Eſpoza ao Eſpozo, ſenão de-

pois que os guardas lhe tirarão a mantilha. Hão de os homens andar nùs? Naõ; porèm andão nùs os que deviaõ andar veſtidos, e andão veſtidos os que deviam andar nùs. Viſtaõ-ſe todos como naſcem, e deſſe modo haverà veſtidos para todos.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema III.

PORque pomos o dedo na boca tanto que naſcemos?

Adverte a Natureza nos meninos a obrigação, que tem os homens. O dedo poſto na boca he ſinal de ſilencio. A boca ſe feche de modo, que eſteja tambem aberta, para fallar, e callar. Como tem dous exercicios diverſos não podemos perverter a ſua ordem. Naõ ſe deve fallar, quando ſe deve callar; nem ſe hade callar, quando ſe hade fallar. Naõ ſe pòde já mais recolher a palavra, que ſahio da boca; e aſſim devemos conſide-

rar

rar primeiro, o que houvermos de dizer. Nenhum homem errou callando. Muito erra o que muito falla. Sómente com Deos ſe ha de fallar, e muito; porque não podemos errar, fallando muito com Deos. Pomos o dedo indice na boca, quando pedimos ſilencio. O indice adverte, e ameaça. Adverte, que fallemos pouco; ameaça, paraque não fallemos muito. He precizo o ſilencio para viver no mundo; e por iſſo os meninos quando naſcem, nos advertem o ſilencio.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema XI.

POrque ſe parecem muitos filhos a ſeus pays?

Os filhos mais ſe haõ de parecer a ſeus Pays nas virtudes, que nas feiçoens. O que ſe parece no roſto, ſe ſe naõ parece no animo, não ſe parece a ſeu Pay. He a ſemelhança cauſa de amor, e hade ſer o amor a ſemelhança. Naõ querem os

filhos aos pays, porque nelles naõ tem couſa, que lhes deſperte, e accenda o amor. Recebaõ dos pays as virtudes, e doutrina, que logo ſerà o ſeu amor manifeſto. Tambem os brutos ſe parecem a ſeus pays. Para que os homens excedaõ aos brutos haõ de procurar parecerſe mais. Muitos filhos ſaõ brutos, e naõ homens; porque ſeus pays naõ ſaõ homens, ſaõ brutos. O Uſſo naſce ſem fórma, e tanto trabalhão ſeus pays, atè que lha dão. O pay dà o ſer de bruto a ſeu filho pela carne. Se lhe não informar o animo com virtudes, para que ſeja homem, ſerà bruto, e não ſerà homem. Porque os corvos ſe naõ parecem a ſeus pays, os deixam eſtes; e tal vez que por iſſo lhes tirem os filhos os olhos. Naõ he pay o que deſconhece a ſeu filho, porque não ſe parece com elle; pois deve procurar os meyos todos paraque ſe pareça: e ſe naõ tem havido filho, que tire os olhos a ſeu pay, jà houve filho, que lhe arrancou os narizes, porque o

não

não soube criar, e educar. A boa, ou mà educação faz os filhos bons, ou máos: e se muitos se não parecem a seus pays, a culpa tem os pays, de que senaõ pareção com elles os seus filhos.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema XVIII.

PORque sómente o homem tem o rosto olhando para o Ceo?

Sómente o homem foy creado para o Ceo, e por isso tem o rosto, para donde hade ser toda a sua inclinaçaõ. Oh que pena! Não ha couza que mais vejão, nem que menos procurem os homens, que o Ceo. Os outros animaes olhão para a terra, e não para o Ceo, porque forão creados para a terra; e os homens, que forão creados para o Ceo, mais olhão para a terra, que para o Ceo. O gallo, e o cabrito olhão para o Ceo sómente com hum olho, porque trazem o outro sempre na terra. Nem a attenção, de que o

vejamos

vejamos com hum olho ſómente, nos deve o Ceo, ſendo creatura tão excellente. A terra nos leva os olhos; e poriſſo nos cega. Não ha couza, que mais levante o eſpirito a Deos, que o olhar para o Ceo, porque he a caza deſte Senhor; pelo que não quer ver a Deos, o que não quer ver o Ceo. A cor, que o Ceo offerece aos olhos, he azul; porque nos namore a ſua fermozura. Qual ſerà a fermozura de Deos, ſe a ſua caza he tão fermoza? Homem, olha para o Ceo, e para as Eſtrellas, e diſcorre ſobre a ſua fermozura; e logo entenderàs o exceſſo que lhes faz, o que os creou. Tudo procura o ſeu centro, e o que menos buſca o homem, he o Ceo, que he o ſeu centro. He centro, e patria noſſa, e nem por centro nos move o impulſo, nem por patria o amor. Levanta homem mortal os olhos da conſideraçaõ para o Ceo, e veràs o quão pouco eſtimas as couzas da terra.

CON-

CONSIDERAÇAÕ

Sobre o Problema XXIX. e XXX.

PORque mata de repente hum pezar, ou hum grande goſto?

Neſta vida não ha couza melhor, que a vida, nem couza mais mizeravel. Se o melhor he a vida, e he tão máo, que ſerà o mal deſta vida. Huma voz ſuave, e branda deſtempera eſta vital harmonia, e faz eſtallar o inſtrumento. Huma triſte nova, que ſe refere com temor; huma carta que ſe eſcreve com ſentimento; hum ar ferido brandamente, hum papel eſcrito com tinta, baſta para arruinar totalmente o vital edificio. Mata o pezar a hum homem; e não he muito; porque o pezar he mortal inimigo do homem. Tira-lhe o goſto a vida, iſto he o mais, porque o goſto he o ſeu mayor amigo. Miſeravel he a noſſa vida; pois o mayor amigo he ſeu inimigo. Outra vida, que ſe não acaba, deviamos procurar; pois nem

para

para loucos he boa a vida, que temos. Barbaro seria o que desprezasse hum diamante, por estimar hum vidro; huma mina de ouro por fazer mais apreço do chumbo. Esta vida he morte, e a outra vida vida; e desprezamos a vida que he vida, estimando a vida que he morte. Oh que barbaros somos? Tornemos a nosso perfeito juizo, e busquemos a vida, que nem se rende a pezar, nem a gosto.

CONSIDERAÇÃO
Sobre o Problema XXXVII.

PORque de noute se aggravão os males, e dores aos enfermos?

Todos os nossos males saõ filhos das nossas culpas. Assim como crescem os peccados, crescem as enfermidades; e para contar estas, e aquelles não ha numero. Vivemos prezos na noite da ignorancia; e por isso se aggravão os nossos males com a ignorancia. Menos, e menores seriáo, se reziståra a luz do conhecimento.

cimento. O cego, caminha com medo, temendo cahir em mayor mal, que a cegueira. Não ſeriaõ grandes os males, ſe a noſſa cegueira os não fizeſſe mayores. Naõ temos mayor bem, que o mal, ſe nos aproveitarmos do mal para o bem. Naõ deſcança, quem não cança; não tem alivio, quem não teve trabalho: e ſe os trabalhos ſaõ mimos que Deos nos faz; o mayor trabalho ſerà o mayor alivio, ſe ſe tolera por Deos. Sómente o mal ſe aggrava, a quem ſómente cuida, e perſevera nelle. O que cuida na occaſiaõ do ſeu mal, não perſeverarà nem no mal, nem na occaſiaõ. Naõ podem offender os males, ſe os vizita a luz da razão.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema CI.

PORque ſe eriſſaõ os cabellos aos que tem medo, ou horror.

Não

Não tem que temer, quem não tem de que. O coração seguro, nunca deixa resquicio, para que nelle entre o medo. Não ha cousa mais horrorosa, que ver hum homem com os cabellos eriçados: nem ha cousa mais fea para as almas, como ter eriçados os pensamentos. Para temer a culpa, e tomarlhe horror, se hade o coraçaõ alterar, pois esse horror sómente poderà restituirlhe a sua fermosura. O medo descompoem todos os espiritos vitaes, e a sua armonia. Ao que tem concertada a vida, não o descompoem o medo. Não só he obrigação o viver bem, mas tambem proveito: pois nem o medo assalta aos que bem vivem, nem o horror os perturba, nem o temor os espanta. O que vence mayores paixoens, facilmente vence estas. As potencias estão na cabeça, e se ellas servem ao espirito, não permitem, que entre o medo a eriçar o cabello.

CON-

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Poblema CXII.

PORque tendo muitos, claros, e ſerenos os olhos, não vem?

Dizem, que a viſta não padece engano, e não ha mayor engano, que o da viſta. Os noſſos olhos claros, e ſerenos vem a huns olhos claros, e ſerenos, que não vem. A gota ſerena he accidente, que tira a viſta. Não ha gota ſerena mais violenta, que a da paixão, ou inveja. O que tem gota ſerena, he cego, porque não vê, ainda que tenha os olhos claros. O que tem inveja, ainda que tenha os olhos claros cega porque vê. A viſta fraca, e debil tem por inimigo a luz. O mais vivo reſplendor faz deſmayar a viſta mais viva. Mais cegam os luzimentos do proximo, que a gota ſerena. Nenhuma couſa tem melhor a inveja, que cegar ao que a tem. Sómente a virtude he izenta, e por iſſo a deviamos amar.

Não

Não se offendem os olhos da aguia com os rayos do Sol, porque os penetrão. Não cegarão os invejozos, se penetrarão os luzimentos do proximo. Não ha cego mais desgraçado, que o que entende, que vê. São claros, e fermozos os olhos da alma: e se os assalta o accidente da inveja, os deixa feyos, e abominaveis. O não ver com os olhos claros, não he só accidente da inveja, he castigo de vicio tão execrando.

CONSIDERAÇÃO
Sobre o Problema CXIX.

PORque, o que vivèo entre as trevas, se de repente vê muita luz, cega?

Não ha trevas mais escuras, que as do peccado, nem mais claras luzes, que as da graça. O que cega com as luzes da graça, vê, tanto que sahe das trevas da culpa. O que sahe das trevas da culpa, e não cega com a luz da graça, esse he cego. O que cega, vè, o que não cega, he

he cego. O que vè com a luz da razão a cegueira dos seus erros, não o cegarão os erros. Ao que está costumado a viver em trevas, o offende sobre tudo a luz; e não pode haver mayor desgraça, que offendermo-nos na luz. Não ha extremo, que não seja viciozo; este o não he; pois sahimos das trevas da culpa para a luz da graça. As acçoens, que se fazem de repente, poucas vezes tem o acerto: esta sómente o tem, quando se faz repentinamente.

CONSIDERAÇÃO
Sobre o Problema CLIX.

POrque não cheira bem a boca de alguns?

O mào cheiro da boca, mostra que o o figado, e entranhas estão enfermos. Quem tem màs entranhas, não pòde ter boa boca. Fallar bem de outros, he bem de outros, e do que falla bem. O olfato se offende do fedor pestilencial, e os sen-

tidos se offendem, ouvindo a hum homem mordaz. A serpente Ceraſtes exhala taõ peſtilencial fedor pela boca, que mata com o alento, como o Baſiliſco com os olhos. Mais homens hà Ceraſtes, que Baſiliſcos; e alguns peores que Demonios. O Demonio venera a virtude, eſtes a deſprezão. A carne, que o Leão deixa, da preza, que fez, he peſtilencial, e corrupta. Tudo o que o mal dizente toca, he corrupto, e peſtilencial. A muitos, que lhes fede a boca, lhes cheirara bem, ſe caſtigaraõ a muitos, aosquaes lhes cheira mal.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema CXCII.

PORque não goſtamos do que he amargozo, e dezabrido, tendo ſabor?

Tudo o que he ſabor, não ſabe bem; e nem tudo o que não he ſaborozo, ſabe mal. O goſto não conſiſte no ſabor, mas no paladar. O mais ſaborozo deſta

vida saõ as virtudes, e os vicios o mais dezabrido: e he lastima, que muitos appeteçaõ o dezabrido dos vicios, e aborreção o saborozo das virtudes. Quanto mais se gosta da virtude, mais se apetece. Não hà vicio, que deixe de cançar antes, e depois, que se gosta. Mão paladar, pois gosta do que o maltrata, e aborrece, o que o saborèa. O sabor mais doce, se offende o gosto, não he mel, he fel. O sabor mais amargozo, se lizongea o gosto não he fel, he mel. O mais doce vicio he fel; e he mel a virtude mais amargoza. O vicio offende a tudo; e como não offenderà a tudo, se offende ao Author de tudo? Não hà gosto no vicio, que não seja desgosto; não ha sabor, que não seja sem sabor. Na virtude não ha desgosto, que não seja gosto; não ha sem sabor, que não seja sabor. He o sabor do vicio, como os pomos de Sodoma, e Seboim; fermozos na aparencia da casca, e no interior tudo cinza. Ao que chegar a gostar das virtudes, lhe he amargozo tudo o

que ſabe a couſa do mundo. O que deſpreza eſtes goſtos mundanos, tem o paladar tão generozo, e nobre, que ſómente appetece as couſas do Ceo.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema CCV.

PORque gemem, e ſuſpiraõ os que padecem dores, e os que tem algum pezar?

Andão taõ unidos dor, e pezar; que ſe não encontrão ſeparados. Muito vale hum ſuſpiro, ſe he filho da dor da offenſa, ou ſe naſce do pezar da culpa. Dizem que o que muito vale, muito cuſta: ſómente o ſuſpiro cuſta pouco, e vale muito. Cuſta huma breve reſpiração, e vale hum Ceo; e com couſa tão pouca alcançamos couſa tão grande. Hum ſuſpiro he alivio do coração, e do corpo, e he dezafogo, e proveito da alma. Não hà embaixador para Deos, como hum ſuſpiro; pois penetra o intimo do ſeu coração,

çaõ. Enternece o ſuſpiro ao homem mais fero, e não hade enternecer a Deos, ſendo taõ compaſſivo! He milagre da Natureza, o ter huma reſpiração tanta efficacia. Com tal arte ſuſpirão a Hyena, e o Cocodrillo, que deſpertão os Paſtores, e enternecem os Paſſageiros. Não ha meyo para deſpertar, e enternecer a Deos, como o de hum fervoroſo ſuſpiro. O mayor mal da dor, acaba com a dor do mal: o pezar, que tras a culpa comſigo, ſe tira com o pezar da culpa. Bem facil he o remedio de noſſos males, e não nos aproveita; porque mais queremos os males, que o ſeu remedio. Cheguemos a Deos com ſuſpiros de dor, e pezar de noſſas culpas; e aſſim ſe ſuſpenderà a dor, e pezar que Deos tem de noſſas culpas.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema CCXXI.

PORque ſaõ deſiguaes os dedos das mãos?

He o homem o mundo abbreviado. Os meios para que ſe conſerve o mundo ſe achão na fabrica admiravel do homem. He a deſigualdade dos dedos a mayor fermozura das mãos. A mayor fermozura das Republicas he a deſigualdade. No Inferno tudo he dezordem, porque todos querem ſer iguaes: no Ceo tudo he harmonia, e concerto, porq̃ hà deſiguaes Gerarchias. A deſigualdade faz Reys, e Vaſſallos, Nobres, e Plebeos, e que ſe conſervem as Monarchias. Ainda entre os irracionaes he concerto a deſigualdade. Entre os Elefantes, tem primeiro lugar os mais velhos, e governão, e guião aos outros. Entre os Grous, o que mais alto voa. Entre as Cegonhas a que tem mais annos, e experiencias, o que tambem obſerva a prodigioza Republica das Abelhas. A deſigualdade ſuſtenta o mundo, e não houvera mundo, ſenão houveſſe deſigualde. A ruina eſpiritual das almas conſiſte em querer a carne ſer igual ao eſpirito. A deſigualdade das cor-

cordas nos instrumentos, faz que seja mais sonora a harmonia; se as paixoens se não rendem à razão, não há concerto no espirito. Não ha dezigualdade, como a igualdade; nem igualdade, como a dezigualdade.

CONSIDERAÇÃO
Sobre o Problema CCXXXVII.

PORque tem os homens o peito tão largo?

Tudo, o que cabe no mundo, cabe no peito do homem, e com tudo nelle não cabe hum segredo. Não ha mais profundo, e tormentozo mar, que o peito do homem. Tudo penetra, e descobre o engenho, e arte, ou seja no mar, ou na terra, ainda que distantes; porèm o que está no peito do homem, havendo tão pouca distancia, nem arte, nem engenho o pode penetrar, ou descubrir. Sómente Deos, (diz o mesmo Deos) que o vê, e penetra; e ainda a Deos, houve barba-

ros, que entenderaõ, o podiaõ occultar; tão cego foy o seu engano, tão louco o seu dezatino! O lince penetra as sombras da noyte; a Aguia os rayos do Sol; o Sabio os segredos da Natureza: porèm o lince mais lince, a Aguia mais Aguia, o Sabio mais Sabio naõ descobre, o que encerra o peito do homem. Taõ escondido o pôs a Natureza, que atè para elle he segredo. O coraçaõ, e as entranhas tem em deposito o melhor da vida; e muitas vezes tem em si ao mesmo Deos. O peito limpo, e as entranhas puras, facilmente se penetrão. No peito limpo descança Deos. Canção-se muitos, porque Deos descança; e dazagradecidos o arrojaõ de seu peito. Que ventura! Que sirva o peito do que serve o Ceo! Que desgraça! Que sirva de inferno, o que serve de Ceo! Hade estreitar-se o peito, para o mundo, que com isso se dilatarà para Deos.

CON-

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema CCLI.

POrque he o coraçaõ principio da vida?

A melhor couſa que o homem tem he a vida: e o melhor da vida, he o coração. Não o pòde ter bom, homem, que tem mà vida. Não he muito que os homens vivão com vida natural, que eſſa he a vida, com que os brutos vivem: outra melhor, e mais alta vida devem procurar os homens, para ſe differençarem dos brutos. Vive o corpo com a vida do coração; vive o eſpirito com a vida da alma. Eſta vida he eterna, aquella vida ſe acaba. Demos alguma couſa do eterno ao noſſo coraçaõ, jà que elle tanto nos dà do temporal. Viver para morrer, mais he morrer, que viver. Morrer para viver, mais he viver, que morrer. A vida, que nos dà o coração, mais he morte, que vida. A morte que dezeja o

eſpiri-

eſpirito, mais he vida, que morte. Morra o coraçaõ, para que o eſpirito viva. Não pòde ſer a morte larga em vida tão breve, quando alcançamos larga vida por tão breve morte. Se vive o juſto, quando morre, porque morre, quando vive? Morre o peccador, quando morre, porque quando vive, morre. Não hà couſa, como morrer para viver.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema CCLIX.

PORque ſaõ cobardes os animaes de grande coração, e atrevidos, os que o tem pequeno?

Nem tudo, o que he grande, he o melhor, ainda que ſempre o grande he grande. Huma corpulencia, ſendo grande, avulta; e não porque avulta, he grande. Os homens, qne ſaõ muito grandes, nem por iſſo ſaõ grandes homens. O valor, e o engenho, naõ ſaõ quantidade, ſaõ qualidade; e ſe unem

no

no coraçaõ pequeno, no grande se repartem. Se o muito se reparte, he menos, se o pouco está unido, he muito. Se a virtude natural faz do pequeno grande, que naõ fará grande a verdadeira virtude? Tanto valor infunde, que se atreve a escalar o Ceo, e o consegue. Quem teme a Deos, não teme as outras couzas. O coração, que para o mal he cobarde, he valente; e o que para o bem não he valente, he cobarde. Ainda que seja pequeno, será grande, se emprende cousas grandes. A virtude he a mayor, e a virtude mais segura a todo o coraçaõ, he o não se apartar já mais da virtude.

CONSIDERAÇAÕ

Sobre o Problema CCLXXX.

POrque os manjares dezuzados saõ nocivos ao estomago?

O violento he danozo, e não dura; e sempre o que he dezuzado he violento. A Natureza não se agrada, do

que

que não recebe, e abraça com carinho. O costume he outra Natureza, e contra o costume he a novidade. Menos faz a violencia, que a novidade. Táo danoza he a novidade nas Republicas, como no estomago. Mais se hade trabalhar em desterrar as novidades, que em estabelecer Leys. Não hà Ley segura da novidade. Muitas leys relaxaõ, e muitas novidades destroem. A Monarquia, que admittir muitas não terà muita duraçaõ. Com menos Leys, porque hà poucas novidades, estaõ ricas, e poderozas muitas Republicas estrangeiras. Quanto se manda para o estomago, passa pela garganta. O estomago da prata, e ouro de Hespanha saõ as Monarquias Estrangeiras; e não fazem estes metaes impressaõ na nossa garganta, porque nella se não detem. As novidades de tal sorte relaxão o nosso estomago, que de si expelle, tudo o que lhe mandão. Facil he o remedio; porèm não se uza delle, por ser facil.

CON-

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema CCLXXXIX.

POrque he proveitozo o vomito?

A vexação, que padece o eſtomago, ſe abate com o vomito; porque deixa temperado o calor natural, e com elle tambem os mais humores. Para a alma não ha ſaude mais ſegura, que o vomito da confiſſaõ; pois livra ao eſpirito da vexação, que padece. Hade ſer vomito, que limpe totalmente, para que ſe tempere o calor das virtudes. O que vomita, ſenão lança tudo, mais enferma, do que ſara. A confiſſaõ, que não he de tudo, mais he confuzão, que confiſſaõ. Não ha mayor, nem menor remedio, nem mais perigoza enfermidade, que a confiſſaõ. Se he mà, enferma, e dana; ſe he boa, ſara, e cura. O' que deſgraça, enfermar com o remedio! e ſendo eſte tão facil, muitos o fazem difficultozo. Enferma o corpo, e tudo he procurar remedios

medios para o reſtituir à ſaude; enferma a alma, e remedio tão facil como o da confiſſaõ, não ſe buſca. Pouco nos deve eſpirito tão nobre, pois todo o cuidado pomos na ſaude do corpo. O que de taõ grande remedio ſenão aproveita para os ſeus males, não quer para elles tão facil remedio. Sabe a Garça, que o ſeu inimigo a hade render, e matar, e para livre, e ligeiramente voar, vomita. Para voar, e vencer não ha couſa como o vomito da confiſſaõ. Queira Deos, não ſeja alguma voz como a do cão; porque fruſtaremos a efficacia de remedio tão proveitozo.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema CCXCIV.

PORque choraõ alguns lagrimas de ſangue?

São os olhos as janellas, em que apparecem os affectos do coração. Olhos, que naſcerão para viver no mundo, ſempre haviáo de chorar lagrymas de ſangue.

Naõ

Não ha thezouro mais rico, que o choro, ſe ſahe contrito dos mineraes do coração. Verdadeiramente ſaõ as lagrymas perolas preciozas, ſe as derrama o verdadeiro ſentimento. He pena, que ſe derramem, e que não as derrame a dor! Neſta vida não ha couſa, que menos valha, nem que mais valha, que as lagrimas. Que màs, e que vãos ſaõ as que recolhe o mundo; e que ricas, e preciozas, as que o Ceo recolhe! Não ha maior mal, que o que entra pelos olhos; nem ha mais bem, que o que ſahe por elles, ſe as lagrimas ſahem bem. Por elles nos entra o veneno, e por elles ſahe a triaga. Elles ſaõ todo o noſſo dãno, e todo o noſſo remédio. Chorão ſangue pela violenta opreſſaõ; e Deos ſomente pede que choremos. Naõ hà goſto mais perfeito, que o das lagrymas; nem mayor alegria, que a do choro. Com o do peccador ſe alegra o Ceo, e folgão os Anjos. Heraclito, e Demócrito, ambos riam, e ambos chioravaõ; porque o choro de hum, era o rizo do

outro.

outro. Todos assim haviamos de fazer; e chorar dos que se rim, se se rim dos que choraõ. Muitos choraõ quando se riem, e he sinal o choro, de que foy grande o rizo. Tudo acaba; o rizo, e o choro; o rizo fenece em choro, o choro em rizo. Mais vale chorar para rir, que rir para chorar. Muito rizo nos espera a custa de pouco choro, e muito choro por cansa de pouco rizo.

CONSIDERAÇAÕ

Sobre o Problema CCC.

PORque sendo o sangue natural, quando he muito, suffoca?

O muito não he o melhor, ainda que ha muito bom. Tudo fez Deos com pezo, e medida; e tudo desfazem os homens. Das affliçoens dos pobres provem alegrias aos ricos. Não ha mayor tristeza para hum rico, que ver alegre o pobre. Muitas vezes se affoga o Usso com o muito mel, que come. Encontra o remedio

dio donde fez o damno. Expondo livremente a garganta aberta, para que as Abelhas a piquem. Não ha medicina mais venturosa, que a que offerece a mesma enfermidade. Não se affogarão tantos ricos, se se dezafogarão com os pobres. Todas as oppressoens das Republicas nascem, deq̃ tenhão poucos muito, e muitos nada. Mais importa, que tenhão muitos pouco, que não, que poucos tenhão muito. O bem de huns, he mal de outros. Este sómente he o mal, que não vem por bem, e nada nos vem bem se não este mal. Tudo saõ oppressoens, e o peor he, que os pobres se sangrão, porque tenhão os ricos dezafogo. Sangrem a estes q̃ affogão tudo, e assim terà dezafogo tudo.

CONSIDERAÇÃO
Sobre o Problema CCCXVIII.

POrque tem pouca saude os que dormem muito?

Ainda que o sono he imagem da mor-

te, não se lembra muito da morte, quem muito dorme. O dormir he para descanço, e muitos fazem do descanço vicio. Não ha cousa q̃ mais destempere a harmonia do corpo, como o muito sono. Não vive o que dorme, ainda que vive todo o tempo, que dorme; e pois sem dormir não podemos viver, não vivemos muito, porque dormimos muito. Mais teremos de vida, se tivermos menos de sono. Nem o morto sente, nem o que dorme. Passa-se o sono, sem se sentir, e do mesmo modo a vida, e por isso a vida he sono, e morte esta vida. Para vingar os aggravos do sono, devemos considerar, que a vida he sono; e jà que nos entregamos ao sono para dormir, não seja de modo, que durmamos para sempre.

CONSIDERAÇÃO
Sobre o Problema CCCXXIX.

PORque reduzindo-se tudo o que hé terra a terra, o ouro, e prata sendo ter-

terra, se não reduzem a terra?

Não se reduz o homem facilmente a terra, se considerar, que he terra. Não devem o ouro, e a prata ao Sol, o que deve o homem ao seu conhecimento. A virtude, e a santidade nos fazem de infinito valor. O ouro he area, e lodo a prata na prezença do Sabio. A' vista do homem justo, que serão tão generozos metaes, se na prezença do Sabio saõ tão vis? Somos formados da terra, e deixamos de ser Anjos, porque não deixamos de ser homens. O que caminha para a terra, se reduz a terra; o que caminha para o Ceo, deixa de ser terra. Se o crisol da tribulaçaõ acha que o homem he terra, o faz escoria; se acha ouro, o purifica. A virtude faz de barro mais nobre metal, que da terra o Sol. O ouro, ainda que se não reduz a terra, acaba; o homem, nem se acaba, nem se reduz a terra. Os Santos não tem corrupção; porque nada tem de terra; e por isso não pòde a terra entrar com elles.

CONSIDERAÇÃO

Sobre o Problema CCCXXXIII.

PORque o meſmo Ar accende a vela apagada, que ainda conſerva o murraõ, e apaga a que eſtà acceza?

São huma caſta de homens reveſtidos de Demonios, ou huma caſta de Demonios em trage de homens os enredadores, chocalheiros, e lizongeiros. Inimigos ſaõ eſtes da natureza, peſte das Republicas, contagio do Governo, veneno da amizade, e da virtude. Não hà odios, que não accendaõ, nem luzes que não apaguem. Vivem da diſcordia, e com a concordia morrem. A ſua mayor guerra he a paz; a ſua melhor paz he a guerra. Fazem Genebra do governo mais acertado; Sinagoga, da Republica mais ſanta; Demonios, de Anjos; e do Ceo, Inferno. Hum deſtes he mais prejudicial, que muitos Demonios, pois não fazem muitos Demonios, o que faz hum deſtes.

Dou-

Douraõ o mào, e desdourão o bem; ultrajaõ a verdade, e favorecem a mentira. Por elles se dezata a ira de Deos nas Cómunidades, como os Gafanhotos pelos campos. Assim tala a fama, e reputação esta gente vil, como os Gafanhotos as searas. Tudo, o que he bom, apagão; e se acazo accendem, sómente he fogo, em que todos se abrazão. Esta gente he a peor, que hà no mundo, e ainda he mayor mal, não os podermos lançar delle. O certo he que o mundo se acaba, porque não se acaba esta gente.

CONSIDERAÇAÕ
Sobre o Problema CCCLVIII.

PORque, quanto mais bebe o Hydropico, tem mais sede?

Não hà animal mais animal entre todos os animaes, que o homem. Nenhum bruto come, ainda que morra de fome, o que lhe hàde causar damno: e os homens morrem por comer, o que lhes

lhe prejudicial. Não fazem estranho à alma, o que devião fazer estranho ao corpo. Não ha Hydropezia mais pestilente, que a cobiça; pois o que tem, quer mais, tendo tanto. O que tudo quer para si, não quer que os outros tenhão cousa alguma. Quanto tem o mar, e a terra não basta para saciar a hum cobiçozo. Tudo, quanto appetece he mão, e o mata; e por isso o appetece. Vive, e morre desgraçadamente; e assim como o ociozo tem duas mortes, e huma sepultura, tem o cobiçozo huma morte, e dous infernos. Que barbaridade! Condenar-se por ter muito, o que se póde salvar por pouco.

CONSIDERAÇÃO
Sobre o Problema CCCLXXVI.

PORque abranda o Sol a cera, e endurece o barro?

O melhor, e o peor que hà no mundo, he a lingoa; e o coração do homem he como a lingoa. Nem melhor, se se abran-

da;

da; nem peor, ſe ſe endurece. Muitos animaes crião oſſos no coração; e alguns homens pedras. Homem, que não ſe abranda às ſupplicas, e miſerias de outro, he pedra, naõ he homem. O Sol com o fogo dos ſeus rayos, abranda, e endurece: e o pobre com as ſuas lagrymas. O que endurece o fogo, ſe abranda com a agoa. Màho he o barro, que com a agoa ſe endurece. O metal mais duro deſpede a agoa com mayor violencia. Quem lança de ſi as lagrymas do pobre, he de metal, e ſómente o fogo o hade derreter. A Onça reparte com os animaes deſvalidos da preza, que toma. O homem he peor, que as feras. Porque imita della os mal, e não abraça o bem. Miſeravel he o que ſe não laſtima do miſeravel. Pobre he o rico, que não ſoccorre ao pobre. O bem, que ſe faz ao pobre, ſe faz a Deos Quem não quer bem ao pobre, nem aos outros quer bem. Homem, que queres de Deos, ſe a Deos naõ queres nopobre?

CONSIDERAÇAM

Sobre o Problema CCCLXIX.

POrque saõ venenozas as lingoas das Serpentes, e dos cães danados? Naõ hà quem faça mais bem, e mal, que a lingoa: e por isso he o melhor, e o peor do mundo. Dà o que naõ tem, e tira o que naõ pòde. A mà he veneno; a boa triaga. Naõ pòde ser mais saudavel a triaga, que a lingua boa; nem mais mortifero o veneno, que a mà. Para se defenderem tem as Serpentes o veneno na lingua, e para offenderem o tem os homens. Morde hum cão danado, e damna-se o mordido. Morde a mà lingua do homem, e dana-se toda huma familia, sempre he mortal a ferida que faz. Muitos padecem a fascinaçaõ, porque alguns a tem nos olhos; com tudo não fazem damno os olhos, que não tem este mal. Naõ houve homem atè agora, que tivesse veneno na lingua; mas hà homens, que da lingua

gua derramão mais veneno, que os animaes venenozos. As Cegonhas não tem lingua; porque se a tiverão cõmunicarião o veneno ao coraçaõ, e morreriaõ; pois trazem na boca Cobras, e Viboras. Ao maldizente chamaõ deslinguado, porque trata com veneno, e naõ morre. Nas partes do Norte hà homens de tão estranha compleiçaõ que se as Viboras, e Escorpioens os mordem, morrem estes bichos, por ser de mais efficacia o veneno dos homens. Se os que mordem encontrarão com homens desta compleição, jà não haveria maldizentes. Naõ se acabaõ, e assim mordem todos, para que tudo se acabe.

CONSIDERACAM
Sobre o Problema CCCLII.

POrque sendo a morte natural se sente com tanto horror?

Para não temer a morte, naõ hà remedio, como he o temella. Naõ a temerà, o que

o que a temer antes. Todos os dias morre o Sol, e não nos espanta o horror das trevas, porque o vemos em todos os dias. Naõ hà passo, em que não encontremos a morte; e não a vemos, porque naõ discorremos, que os passos que damos, haõ de parar em morrer. Ao que sempre come cousas amargozas, lhe sabe o amargozo a doce. O mais amargozo da vida he a morte; e serà doce, se sempre nella conciderarmos. He horror a infalibilidade da morte, e serà a prazivel, se cuidarmos na sua infalibidade. Se hade vir, e não sabemos, quando, esperando-a sempre, naõ nos cauzarà susto, quando vier. Morrendo todos os dias, encontraremos o em que havemos de morrer. Se repartirmos bem as horas, naõ serà fatal a nossa hora. Se os homens, como vivem, morrem, he precizo, atender, como vivem, para naõ temerem, quando morrerem. Hà duas vidas, e naõ duas glorias; por isso devemos fugir às glorias desta vida, para encontrar-

mos na morte a vida da gloria. E pois a morte não he pena, he remedio para taõ mizeravel vida, abracemos á morte neſta vida, e encontraremos a melhor vida na feliz morte.

LAUS DEO.

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
Biblioteca Central

IN-

INDICE
DO QUE SE CONTE'M neste Liyro.

CAP. I. dos Homens, pag. 1.
CAP. II. Das Mulheres, pag. 16.
CAP. III. Da Geraçaõ, pag. 20.
CAP. IV. Dos Monſtros, pag. 22.
CAP. V. Dos Hermafroditas, pag. 24.
CAP. VI. Dos Abortos, pag 26.
CAP. VII. Da Cabeça, pag. 28.
CAP. VIII. Dos Calvos, pag. 34.
CAP. IX. Dos Olhos, pag. 36.
CAP. X. Dos Narizes, pag. 47.
CAP. XI. Das Orelhas, pag. 51.
CAP. XII. Da Boca, pag. 55.
CAP. XIII. Dos Dentes, pag. 58.
CAP. XIV. Da Lingoa, pag. 60.
CAP. XV. Do Goſto, pag. 64.
CAP. XVI. Da Voz, pag. 65.
CAP. XVII. Do Peſcoço, pag. 69.
CAP. XVIII. Dos Hombros, pag. 70.

CAP. XIX.

CAP. XIX. Dos Braços, e Mãos, pag. 71.
CAP. XX. Dos Peitos, pag. 76.
CAP. XXI. Do Peito, pag. 77.
CAP. XXII. Das Costas, pag. 79.
CAP. XXIII. Do Coraçaõ, pag. 80.
CAP. XXIV. Do Bofe, pag. 84.
CAP. XXV. Do Estomago, pag. 85.
CAP. XXVI. Do Sangue, pag. 93.
CAP. XXVII. Do Fel, pag. 96.
CAP. XXVIII. Do Baço, pag. 97.
CAP. XXIX. Do Figado, pag. 99.
CAP. XXX. Do Sono, pag. 100.
CAP. XXXI. Da Terra, pag. 104.
CAP. XXXII. Do Ar, pag. 108.
CAP. XXXIII. Da Agoa, pag. 113.
CAP. XXXIV. Do Fogo, pag. 118.
CAP. XXXV. De varias couzas, pag. 121.

CONSIDERAÇOENS POLITICAS, E MORAES

Extrahidas de alguns dos Problemas antecedentes.

LIVRO II.

PRoblema I. Porque nasce o homem nù, p. 132.
Consideraçaõ XI. Porque se parecem os filhos com

com seus pays, pag. 135.
Problema XVIII. Porque somente o homem tem o rosto para o Ceo, pag. 137.
Problema XXIX. e XXX. Porque mata de repente hum pezar, ou hum grande gosto, p. 139.
Problema XXXVII. Porque de noute se aggravão os males, e dores aos enfermos, pag. 140.
Problema CI. Porque se erissão os cabellos aos que tem medo, ou horror, pag. 141.
Problema CXII. Porque tendo muitos, claros, e serenos os olhos, não vem, pag. 143.
Problema CXIX. Porque, o que vive entre as trevas, se de repente vè muita luz, cega, p. 144.
Problema CLIX. Porque não cheira bem a boca de alguns, pag. 145.
Problema CXCII. Porque não gostamos do que he amargozo, e dezabrido, tendo sabor, p. 146.
Problema CCV. Porque gemem, e suspirão os que padecem dores, e os que tem algum pezar, pag. 148.
Problema CCXXI. Porque são desiguaes os dedos das mãos, pag. 149.
Problema CCXXXVII. Porque tem os homens o peito tão largo, pag. 151.
Problema CCXI. Porque he o coraçaõ principio da vida, pag. 153.
Problema CCLIX. Porque são cobardes os animos de grande coraçaõ, e atrevidos os que tem pequeno, pag. 154.

Pro-

Problema CCLXXX. Porque os manjares dezejados saõ nocivos ao estomago, pag. 254.
Problema CCLXXXIX. Porque he proveitozo o vomito, pag. 157.
Problema CCXCIV. Porque chorão lagrymas de sangue, pag. 158.
Problema CCC. Porque, sendo o sangue natural, quando he muito suffoca, pag 160.
Problema CCCXVIII. Porque tem pouca saude os que dormem muito, pag. 161.
Problema CCCXXIX. Porque reduzindo-se tudo, o que he terra, a terra, o ouro, e prata sendo terra, se naõ reduzem a terra, pag. 162.
Problema CCCXXXIII. Porque o mesmo Ar accende a vela apagada, que ainda conserva o murraõ, e apaga a que está acceza, pag. 164.
Problema CCCLVIII. Porque, quanto mais bebe o Hydropico, tem mais sede, pag. 365.
Problema CCCLXXVI. Porque abranda o Sol a cera, e endurece o barro, pag. 366.
Problema CCCLXIX. Porque saõ venenozas as lingoas das Serpentes, e dos cães danados, pag. 368.
Problema CCCLII. Porque, sendo a morte natural, se sente com tanto horror, pag. 369.

FINIS.

Problema CCLXXX. Porque os manjares de ex-
[illegible] não necessarios ao estomago, pag. 154.
Problema CCLXXXI. Porque de [illegible]
[illegible] pag. 157.
Problema CCXLIX. Porque cheraõ lagrymas
de sangue, pag. 158.
Problema CCC. Porque, sendo o sangue natural,
quando he muito suffeca, pag. 160.
Problema CCCXVIII. Porque [illegible] sau-
de os que dormem muito, pag. 161.
Problema CCCXXIX. Porque [illegible] sotu-
do, e que he terra, a terra, o ouro, e prata sen-
do terra, se não reduzem a terra, pag. 162.
Problema CCCXXVIII. Porque o mesmo Ar
accende a vela apagada, que ainda conserva o
[illegible] apagada que esta acceza, pag. 164.
Problema CCCLXIII. Porque, quanto mais be-
be o Hydropico, tem mais sede, pag. 365.
Problema CCCLXXXI. Porque abrandas o Sol
a cera, e endurece o barro, pag. 366.
Problema CCCLXIX. Porque são venenosas as
lingoas das Serpentes, e dos cães danados,
pag. 368.
Problema CCCLII. Porque, sendo a morte na-
tural, se sente com tanto horror, pag. 369.

FINIS

2